

PALAVRAS DO SR. PRESIDENTE DO CONSELHO A PROPÓSITO DA MORTE DO SR. PROF. SALAZAR

Há figuras e há ocasiões que não admitem retórica. As frases, longe de exaltarem a grande personalidade que se extinguiu diminuí-la-iam. Porque ela é bastante por si só, na sua verdade para se impor à admiração dos homens.

Professor respeitado pela inteligência lúcida com que encarava os problemas e penetrava as realidades, pensador claro, escritor de rara correcção e elegância formal, Salazar foi chamado ao Governo como técnico, em momento particularmente crítico da vida portuguesa. Sem dramatismo, com calma serenidade limitou-se a aplicar como ministro os mesmos princípios que ensinava na cátedra. Mas logo demonstrou, no realismo com que encarava os problemas, na resistência às pressões exteriores, na indiferença às censuras como aos aplausos, na tenacidade com que mantinha as resoluções tomadas, na segurança com que seguia as directrizes traçadas, não ser apenas o professor que sabia ou o intelectual que discorria: era o homem de carácter forte e de vontade inflexível em quem se manifestavam as mais altas virtudes do estadista.

As finanças do País sanearam-se. E a vida regrada do Estado foi o alicerce onde firmou a solidez da moeda, a disciplina da administração, o ressurgimento da economia. Muitos anos de atraso haviam privado o País das necessárias infra-estruturas do progresso económico: foi preciso fazer muita coisa de raiz, na educação como nas obras públicas, e constantemente, durante o seu Governo, se abriram escolas, se rasgaram estradas, se construíram portos, se lançaram pontes, se ergueram edifícios... para que os portugueses pudessem tirar maior partido do seu trabalho e aspirar a uma vida melhor.

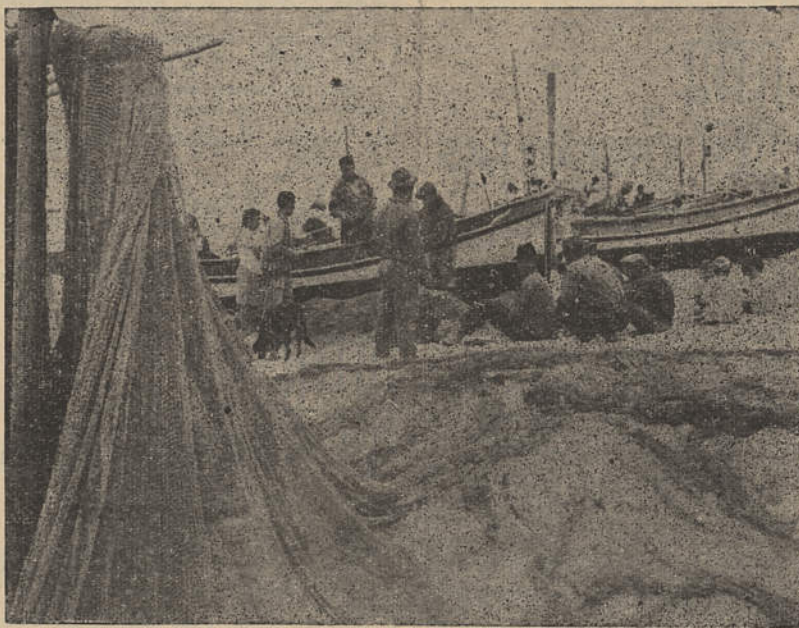
A multiplicidade dos partidos e a sua indisciplina tinham dado aos primeiros dezasseis anos de regime republicano um carácter tumultuário. Instabilidade de governo, desordem social, crise da autoridade, foram os males que estiveram na raiz da revolução de 28 de Maio de 1926 e da Ditadura Militar que ela implantou. Era preciso encontrar uma fórmula constitucional que permitisse pôr termo à ditadura sem perigo de fazer regressar o País à confusão anterior. Inspirando-se na experiência política portuguesa e no carácter do povo, Salazar foi o autor da Constituição plebiscitada em 1933 e que ainda hoje nos rege. Nesse diploma fundamental se consagrou o sistema corporativo que introduziu em Portugal uma sã, constante e progressiva política social. Não havia praticamente nada feito em benefício dos trabalhadores: toda a legislação e organização que hoje protege o mundo do trabalho nasceu daí.

Mas já outros horizontes solicitavam a sua atenção infatigável: o Ultramar português aguardava novo impulso civilizador. Salazar traça também aí os seus planos, concebe uma acção racional de execução metódica e o que era simples nostalgia torna-se ideal colectivo, o que parecia sonho converte-se em realidade, desabrocham as velhas cidades africanas, surgem outras novas, a selva cede ao impacto de animosas vontades com reforçados meios de acção, populações milenariamente a rasadas recebem a mensagem civilizadora, desentranha-se a terra dos trópicos em novas riquezas e quem conheceu o ultramar português dos anos vinte deste século — mal o reconhece na pujança das suas feições actuais.

(Conclui na 4.ª página)

ALGARVE-1970: GENTE EM SUBASSOCIAÇÃO

ALGUMAS PREOCUPAÇÕES SOCIOLOGICAS E GEOGRAFICAS de Carlos Albino



Na profissão, na cultura no desporto, o associativismo no Algarve: uma rede a consertar colectivamente...

A CRISE NAS PESCAS E NAS CONSERVAS

por Torquato da Luz

A CRISE nas pescas (e, consequentemente, nas conservas de peixe) continua. Números agora tornados públicos pelo Banco de Fomento Nacional na sua publicação «Análise de Conjuntura Económica e Financeira — 1969», revelam que, no ano findo, a actividade voltou a sofrer evolução desfavorável, em termos ainda mais acentuados que em 1968.

Diz-se nomeadamente que «nos primeiros dez meses do ano (1969)

o volume total de pesca descarregada no Continente acusou uma quebra de 15,7 por cento em relação a idêntico período do ano precedente (menos 46 400 toneladas), depois de em 1968 haver declinado 8,2 por cento (menos 26 500 toneladas), não admirando, assim, que as estimativas do produto bruto originado no sector acusem igualmente um decréscimo superior ao de 1968 (—12,5 por cento contra —10,2 por cento). Esclarece-se, no entanto, que a quebra sofrida no volume da pesca não corresponde à quebra em termos monetários, que foi logicamente menor, embora apreciável (7,3 por cento). Houve, pois, para o consumidor, em 1969, um substancial aumento do preço do peixe no mercado.

Qual foi o total da pesca descarregada no Continente no ano findo? A fonte de que nos servimos revela um número da ordem das (apenas) 249 794 toneladas, enquanto em 1968 haviam sido descarregadas nas lotas 296 200 toneladas e em 1967 322 833. No que se refere à sardinha, espécie de grande consumo e base da laboração das nossas fábricas de conservas, a pesca que, em 1967, atingira 86 617 toneladas passou para 55 958 em 1968 e para 42 813 em 1969.

(Conclui na 5.ª página)

NOTA da redacção

O ALGARVE vai ter também o seu porto turístico. Depois dos grandes hotéis, das praias cosmopolitas, do aeroporto, anuncia-se, para breve, Vilamoura, grande empreendimento turístico junto à praia de Quarteira.

Após a urbanização e delineaamento da povoação, o porto começará a ser construído! O contrato de concessão e exploração foi assinado já pelas entidades competentes, sendo o ministro das Obras Públicas e Comunicações e outorgante por parte do Estado.

Situado na zona central da costa algarvia, o porto artificial de Vilamoura destina-se à navegação de recreio, constituindo, sem dúvida, um grande atractivo sob o ponto de vista turístico, devido não só à sua localização privilegiada, mas também aos amplos horizontes que vai abrir a todos aqueles que preferir os desportos náuticos.

Numa zona de grande desenvol-

UM NOVO PORTO VAI NASCER NO ALGARVE

vimento e em progresso constante, Vilamoura é um dos centros criados pelo turismo na nossa Província, turismo de qualidade que poderá interessar apenas os magnates portugueses e estrangeiros. Um porto diferente do da vizinha Quarteira, onde existe ainda uma faina da pesca que nem sempre se pode defender das agruras do tempo e da falta do peixe.

Quarteira, onde também se faz turismo, representa a outra face, o Algarve tradicional e natural que conhecemos de longa data e que não pode competir com esta nova face.

Uma vez mais, lado a lado, dois processos diferentes da nossa paisagem humana e geográfica, que talvez um dia se venham a fundir mas que hoje apresentam aspectos distintos e opostos.

Janella do MUNDO

O JULGAMENTO DE LOS ANGELES

Um grande julgamento está a despertar o interesse dos americanos e de todo o mundo. Decorre em Los Angeles e o principal réu chama-se Manson. O caso vem sendo falado em toda a Imprensa há longos meses e o próprio julgamento foi adiado por várias vezes, enquanto o primeiro inculpação fazia afirmações espectaculares e gravava um disco que se tornava «best-seller».

Charles Manson, o «hippy», que uns consideram louco e outros um «iluminado», arrasta um longo processo e consigo vários jovens dos dois sexos. Há onze homicídios conhecidos de que são acusados, incluindo o da actriz Sharon Tate e dos seus companheiros.

Mas a história de Manson arrasta uma estranha filosofia que mistura a Bíblia com o racismo, de uma imaginação absolutamente delirante.

O criminoso pensava, com os seus assassínios, desencadear uma guerra de total extermínio entre negros e brancos nos Estados Unidos. Essa guerra acabaria com a

(Conclui na 5.ª página)

JORNAL do ALGARVE

NOSSO prezado colega «República» transcreveu o artigo «A Tór está triste», que na última semana inserimos, do nosso dedicado colaborador Pedro Xavier.



A Rua-Passeio Teófilo Braga que com a Avenida da República construiu no Verão o fulcro do movimento em Vila Real de Santo António

FACTOS E IMAGENS

MANHÃ DE VERÃO NA VILA POMBALINA

NÃO é sábado, nem domingo. É um dia normal de fins de Julho, em Vila Real de Santo António, de céu limpo e sol quente, amenizado por brisa agradável que se desejaria sem interrupção, para acalmar os rigores estivais.

Toda a vila se movimentava, vive plenamente um dos dois meses de maior animação, e o fulcro dessa vida como que se transplantava para a Avenida da República, Praça Marquês de Pombal e Rua Teófilo Braga. Na Avenida, a ininterrupta passagem dos veículos lembra as zonas da Baixa de Lisboa. De um lado e do outro da grande artéria, estendem-se duas amplas filas de automóveis, das quais há sempre alguns a sair ou a entrar. Nos Serviços de Fronteira apinham-se também os carros que entram ou saem e surgem de vez em quando magotes de espanhóis, equipados para desfrutarem a manhã na praia de Monte Gordo, ou que vêm simplesmente fazer as suas compras. Muitos dos carros que chegam ou estacionam, são de matrícula estrangeira.

(Conclui na 5.ª página)

LOTARIAS E TOTOBOLA

CAMPIÃO

SEMPRE PRÊMIOS GRANDES

A saúde é a maior riqueza

VERÃO E SEDE

Quando faz calor o organismo elimina grande quantidade de água, diariamente. E por isso que, no Verão, o indivíduo sente muito mais sede do que no Inverno.

Procure atender às necessidades do organismo, bebendo muito mais água no Verão do que no Inverno.



Vestido de seda amarela muito clara, tendo o «empieccment» bordado a ponto de grilhão com linha cinzenta e cor de cenoura. Duas palas sobrepostas simulam a existência de algebeiras horizontais que, de facto, não existem.

VISADO PELA DELEGAÇÃO DE CENSURA

NO PRÓXIMO NÚMERO PUBLICAREMOS O PRIMEIRO ARTIGO DE UMA SÉRIE EM QUE CARLOS ALBINO ANALISARÁ O PANORAMA DO ENSINO NO ALGARVE

FIOS PARA TRICOT

A. NETO RAPOSO, LDA.

No seu Próprio Interesse consulte a casa que maior sortido tem em fios para tricot e crochet Nacionais e Estrangeiros. Venda directa ao público ao preço da fábrica. LA escocesa e shetland, Fibras Acrílicas, roblon, cardinil, cordonet, perlé, e argolinha. Algodão para colchas a peso, ráfias perlapot etc.

Fazemos descontos às senhoras tricoteadeiras.

A. NETO RAPOSO, LDA.

Praça dos Restauradores, 13-1.º Junto à Estação do Metropolitano — Telefone 326501.

A praia de Tavira vai ter a dimensão que merece

O dia 22 de Julho de 1970 ficará por certo assinalado nos memoriais da vida de Tavira como um dos mais importantes, por nele se situar o facto do maior relevo para o engrandecimento da cidade. As 15 horas desse dia efectuou-se nos Paços do Concelho a venda em hasta pública dos terrenos da ilha de Tavira, desafectados do Domínio Público Marítimo e destinados à urbanização da praia.

Trata-se de uma faixa de 27 hectares e meio, na extensão de um quilómetro, em grande parte densamente coberta de mata de acácias e pinheiros, no local designado por praia de Tavira, a sul do porto de Tavira (Quatro Águas), dos quais foram destacados 3 hectares como propriedade privada do Município para instalação de serviços oficiais e outros fins.

Com o lance de 7500 por metro quadrado, o maior obtido, foi a praça encerrada e o terreno adjudicado, depois do cumprimento das formalidades garantidas, ao sr. Graciano Ferra de Jesus Relógio, conhecido director de várias empresas de construção.

O total assim obtido foi de 1 700 contos, sendo a caução de 5% sobre a estimativa do custo das infra-estruturas no valor de 50 000 contos.

Estas infra-estruturas compõem-se de rede viária, sistema de comunicação interna, parques de estacionamento, ajardinamentos, zonas verdes, distribuição de água potável, redes de energia eléctrica de baixa e alta tensão, iluminação pública, rede de esgotos e seu tratamento, e outros trabalhos indispensáveis ao funcionamento do complexo turístico. Os terrenos compreendidos nestas obras ficarão, a todo o tempo, propriedade do Município.

Foram fixados os prazos de 6 meses para a apresentação dos projectos das infra-estruturas principais e de dois anos e meio, após a aprovação de tais projectos, para a conclusão das obras, sob pena de quebra daquela caução de 50 000 contos, do direito aos terrenos e às obras já realizadas, tudo revertendo para a propriedade do Município.

Clausulado ficou ainda que, na medida em que forem passadas licenças para a construção urbana, a Câmara cobrará, a título de mais valia, a quantia de 15\$00 por metro quadrado, da área a construir, não havendo lugar à cobrança desta mesma mais valia caso o adquirente dos terrenos ora vendidos construa, a expensas suas, a ponte de acesso à ilha de Tavira.

Da construção urbana destacam-se duas unidades hoteleiras de 1.º, com 250 quartos cada e com conjuntos de «bungalows». A capacidade de alojamento, abrangendo toda a parte urbana, é de 3 500 camas, das quais, 400 podem ser cobertas por unidades hoteleiras.

O equipamento náutico ficará fixado na parte da ria, por virtude de esta constituir excelente pista para a prática de desportos náuticos, figurando, entre outro equipamento desportivo e recreativo, piscina, ténis, mini-golfe, etc.

Como nota de interesse respiga-

A. Leite de Noronha
MÉDICO
Consultas diárias a partir das 16 horas
Rua da Trindade, 12-1.º, Esq. FARO
TELÉF. { Consultório 24503
Residência 24457

De um doente reconhecido ao pessoal do Hospital do Rego

António Ribeiro, de Lagos, acidentalmente em Lisboa com residência na Rua da Padaria, n.º 32 dt., internado que foi no Hospital do Rego por doença grave, com tanto carinho ali foi tratado por médicos e enfermeiras que ficaria mal com a consciência se não tornasse público o seu reconhecimento, todos envolvendo num abraço fraternal com desejo de longa vida para continuarem suavizando dores e confortando os desprotegidos da sorte.

ECOS

Partidas e chegadas

Com seu esposo, sr. Roger Bulle, encontra-se a passar férias em Lagos a nossa assinante em Brucelas, sr.ª D. Maria da Piedade Bulle.
— Está a férias em Vila Real de Santo António a sr.ª maior António Rufino Antunes, nosso assinante no Ultramar.
— Encontra-se gozando férias em Monte Gordo o nosso assinante em Faro, sr. dr. Hermínio Pimenta de Castro.
— Em gozo de férias está em Monte Gordo a sr.ª D. Maria Carlota Abecassis Mendes Dias, nossa assinante em Lisboa.
— Também estão a férias: em Portimão, o sr. Leonel Pereira de Sousa, nosso assinante em Elvas; em Alqueidão (Figueira da Foz), o sr. Jorge dos Santos Gonçalves Prado, de Loulé; e em Armação de Pera, o sr. Francisco Tomás Lapa, nosso assinante em Faro.

Casamento
Na igreja de Vila Real de Santo António realizou-se o casamento da sr.ª D. Fernanda Maria Antónia, filha da sr.ª D. Florinda Maria Gomes e do sr. Casimiro Manuel António, com o sr. António José Corrente Rosa, filho da sr.ª D. Consuelo Garcia Corriente e do sr. Marcolino Rodrigues Rosa.
Foram padrinhos, da noiva, a sr.ª D. Maria Rosa Gomes Antónia e o sr. António Amândio do Sacramento Machado, e do noivo, a sr.ª D. Rosa Maria Casanova Bárbara Lourenço e o sr. José João Gonçalves.

ARMÁCIAS DE SERVIÇO
Em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Alves do Sousa; e até sexta-feira, a Farmácia Piedade.
Em FARO, hoje, a Farmácia Baptista; amanhã, Oliveira Bomba; segunda-feira, Alexandre; terça, Crespo Santos; quarta, Paula; quinta, Almeida e sexta-feira, Montepio.
Em LAGOS, a Farmácia Lacobrigense.
Em LOULÉ, hoje, a Farmácia Avenida; amanhã, Madeira; segunda-feira, Conflança; terça, Pinheiro; quarta, quinta, Avenida e sexta-feira, Madeira.
Em OLHAO, hoje, a Farmácia Ferro; amanhã, Rocha; segunda-feira, Pacheco; terça, Progresso; quarta, Olhanense; quinta, Ferro e sexta-feira, Rocha.
Em PORTIMÃO, hoje, a Farmácia Carvalho; amanhã, Rosa; quinta, Dias; sexta, Central; quarta, Oliveira; sábado, quinta, Moderna e sexta-feira, Carvalho.
Em S. BRÁS DE ALPORTEL, hoje, a Farmácia Dias Neves; amanhã, Pereira; segunda-feira, Montepio; terça, Dias; quarta, Rosa; quinta, quinta, Montepio e sexta-feira, Dias Neves.
Em SILVES, hoje, a Farmácia Ventura; e até sexta-feira, a Farmácia Duarte.
Em TAVIRA, hoje, a Farmácia Montepio; amanhã, Aboim; segunda-feira, Central; terça, Ferro; quarta, Sousa; quinta, Montepio e sexta-feira, Aboim.
Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, a Farmácia Carrilho.

NECROLOGIA
José Venura de Sousa
Faleceu em S. Marcos da Serra o sr. José Venura de Sousa, proprietário, natural de Alfaro, que deixou viúva a sr.ª D. Lucinda Maria Vitorino Ventura de Sousa.
Era pai do sr. José Manuel dos Santos Sousa, empregado bancário, irmão da sr.ª D. Ana Ventura de Sousa, residente em Alfaro; do sr. Diogo Ventura de Sousa, residente em Portimão, e tio dos srs. dr. José Augusto de Sousa Guerreiro, médico em Lisboa, José António Elói de Sousa, regente agrícola, Ventura Manuel Elói de Sousa e João António Elói de Sousa, estudante.

Dr. José Cândido de Assunção Matos
Faleceu em Lisboa o sr. dr. José Cândido de Assunção Matos, de 70 anos, licenciado em Direito, natural da Tavira. Era casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Cordeiro de Assunção Matos e pai da sr.ª D. Telma Elisabeth Cordeiro de Assunção Matos de Campos Ruas, casada com o sr. Aquiles de Almeida Campos Ruas.

Eng. Acácio Calazans Duarte
Faleceu na Marinha Grande o sr. eng. Acácio Calazans Duarte, de 81 anos, natural de Aljezur. Deixa viúva a sr.ª D. Alice Vaz Cintura de Calazans Duarte e era pai do sr. José Manuel Vaz Calazans de Calazans Duarte e irmão do sr. dr. Manuel de Calazans Duarte.
O eng. Calazans Duarte fez os estudos preparatórios nos Liceus de Faro e Coimbra e frequentou as Universidades de Ginebra e Lausana onde se formou em Ciências e tirou o curso de engenheiro químico e em Moçambique foi director do Laboratório de Química Agrícola daquela província.

Capitão-aviador João Falcão Ramalho Ortigão
Em Vila Viçosa faleceu o sr. capitão-aviador, aposentado, João Falcão Ramalho Ortigão, de 78 anos, natural de Tavira que deixou viúva a sr.ª D. Alzira Maria Gomes Pereira Ramalho Ortigão. Era pai da sr.ª D. Maria Eugénia Ramalho Ortigão Delgado e do sr. eng. Rui Pereira Ramalho Ortigão e sogro da sr.ª D. Maria Odete Bartolo Ramalho Ortigão e do sr. brigadeiro da Armada, comandante das Dores Delgado, comandante da 1.ª Região Aérea.
Foi combatente da guerra de 1914-1918, servindo como oficial de Cavalaria nas campanhas do Sul de Angola e possuía várias condecorações, entre elas a medalha de valor militar ganha em combate e a de outro de serviços distintos no Ultramar.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO
+
AGRADECIMENTO
ALBERTINA MARIA PEREIRA CARLOTA
Sua filha, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam à sua última morada, assim como às que de qualquer modo lhe manifestaram o seu pesar.
ESTOI
+
AGRADECIMENTO
FRANCISCO NUNES FARIA
Sua família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam à sua última morada, bem como às que de qualquer modo lhe manifestaram o seu pesar.

CRÓNICA TAURINA
Aproveitando este interregno das lides taurinas em Vila Real de Santo António, vamos hoje falar do elemento mais importante da festa brava — o touro.
O touro de lide que actualmente vemos nas praças de Portugal, Espanha, México e outros países latino-americanos vai entroncar numa árvore genealógica cujas raízes, fundas de milhares de anos, se perdem no infinito dos tempos. São seus antepassados os touros lidados em Creta e nos círculos de Roma, e os touros lidados nas justas e torneios. Passando por variadíssimas transformações de carácter fisiológico, encontramos o touro actual, dividido em duas castas principais — a casta portuguesa e a casta espanhola. A característica mais evidente dos touros de casta portuguesa (hoje quase desaparecida devido aos muitos cruzamentos) é a sua especial codícia para o toureiro a cavalo. O touro de lide de casta espanhola é um animal já preparado para o toureiro a pé e para ser lidado com certa tranquilidade.
Essendo-se na noite dos tempos o hábito dos fidalgos europeus se baterem com touros, a cavalo, nas justas e torneios, onde se preparavam para a guerra, sempre imminente e nos tempos áureos da cavalaria, sendo o touro considerado um arte.
Os touros foram escasseando e hoje na Europa só os encontramos em Portugal, na Espanha e na província francesa da Camargue.
A arte da guerra foi-se modificando com o correr dos tempos e o touro passou a ser lido como um divertimento. O touro passou a ser alvo de atenções especiais e do apuramento de castas e raças.
Chegamos assim ao touro de lide, cuja vida decorre nos campos do Ribatejo e Alentejo, Andaluzia, Estremadura espanhola e outros lugares.
O touro quando nasce é alvo de sérios cuidados da parte dos ganadeiros e dos maiorais, pois é animal precioso que custa muito dinheiro, visto que, até ser lidado, deverá passar quatro anos. Os touros devem ser lidados uma vez e abáticos. É um cuidado especial que hoje os ganadeiros têm, em não deixar tourear os seus touros mais de uma vez, visto que um touro corrido tem o dobro do perigo.
Assim, o touro é conservado no campo, em manadas, pastando e fazendo movimentos regulares para ginsticar os músculos e ter força. Quando chega o dia de ser lidado é escolhido e recolhido com os seus irmãos que formam o curro, no enjauladoiro, mistido numa jaula e trazido para a praça. Depois é sorteados e enjaulado, se se destina à lide a cavalo. Nessa tarde ou noite é toureado, após o que regressa ao campo ou é abatido.
Antigamente, em Portugal, touream-se touros corridos. Alguns chegaram a fazer mais de quinze corridas.
Com a lide a tourear puro, o espécime taumático ganhou brilho e arte.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO
+
AGRADECIMENTO
FRANCISCO NUNES FARIA
Sua família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam à sua última morada, bem como às que de qualquer modo lhe manifestaram o seu pesar.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO
+
AGRADECIMENTO
FRANCISCO NUNES FARIA
Sua família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam à sua última morada, bem como às que de qualquer modo lhe manifestaram o seu pesar.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO
+
AGRADECIMENTO
FRANCISCO NUNES FARIA
Sua família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam à sua última morada, bem como às que de qualquer modo lhe manifestaram o seu pesar.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO
+
AGRADECIMENTO
FRANCISCO NUNES FARIA
Sua família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam à sua última morada, bem como às que de qualquer modo lhe manifestaram o seu pesar.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO
+
AGRADECIMENTO
FRANCISCO NUNES FARIA
Sua família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam à sua última morada, bem como às que de qualquer modo lhe manifestaram o seu pesar.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO
+
AGRADECIMENTO
FRANCISCO NUNES FARIA
Sua família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam à sua última morada, bem como às que de qualquer modo lhe manifestaram o seu pesar.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO
+
AGRADECIMENTO
FRANCISCO NUNES FARIA
Sua família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam à sua última morada, bem como às que de qualquer modo lhe manifestaram o seu pesar.

AGENDÁRIO

Dr. Jorge Abílio da Veiga Magalhães

Faleceu em Lisboa o sr. dr. Jorge Abílio Falcão Leite Pereira de Seabra da Veiga Magalhães, de 75 anos, natural de Albuquerque, licenciado em Direito e capitão do Exército, aposentado.
Deixa viúva a sr.ª D. Matilde Moreira Magalhães e era pai das sr.ªs D. Consuelva Isabel de Magalhães Faria, casada com o sr. dr. César Pacheco Faria, D. Maria Beatriz Magalhães Paulo, casada com o sr. Joaquim Paulo e dos srs. dr. Jorge Fernando Seabra Magalhães e Rui Manuel Seabra Magalhães.

João Pedro de Brito
Em Lisboa, onde há muitos anos reside, faleceu o sr. João Pedro de Brito, de 71 anos, natural da Tavira que deixou viúva a sr.ª D. Mariana das Dores de Lemos Lobo Fremeiro Pantoja de Brito. Era pai da sr.ª D. Ana Judith de Lemos Pantoja de Brito e do sr. João Alberto de Lemos Pantoja de Brito; sogro da sr.ª D. Lucília Semedo Pantoja de Brito; avô do sr. João Carlos Semedo Pantoja de Brito; irmão das sr.ªs D. Maria Marta de Brito, D. Maria Antónia de Brito Salgueiro e D. Maria Isabel de Brito Pantoja, professora oficial; pai do sr. dr. Carlos Alberto Pantoja de Brito, coronel aposentado António Maria Pinto Salgueiro e Joaquim Filipe de Lemos Lobo Fremeiro Pantoja; e tio das sr.ªs D. Maria Madalena de Brito Salgueiro Coelho, casada com o sr. agente técnico de Engenharia Domingos José de Oliveira Coelho, D. Alice da Silveira Pantoja, D. Emília Stuart Guerreiro de Lemos Pantoja, D. Gabriela da Silveira Pantoja e D. Maria Teresa Rocha de Lemos Pantoja Mendes, casada com o sr. Carlos Espada Mendes, e dos srs. António Augusto de Brito Salgueiro, Hélder Carlos de Brito Salgueiro, e Carlos Maria de Lemos Pantoja Mendes.

TAMBÉM FALECERAM:
Em TAVIRA — a sr.ª D. Angelina do Livramento Viegas, de 90 anos, daí natural, mãe do sr. João Luis Arnedo.
Em FARO — a sr.ª D. Aurora Esperança Mestre, natural de Castro Marim, viúva de António João Mestre, antigo combatente da primeira Guerra Mundial, e mãe da sr.ª D. Zulmira Mestre Serafim e do sr. João Francisco Mestre, funcionário da Capitania do Porto de Vila Real de Santo António.
Em LISBOA — o sr. Francisco José Jói, de 66 anos, natural de Silves, que deixou viúva a sr.ª D. Maria Rosa Carreta Jói e era pai da sr.ª D. Ester Carreta Jói, Fernando e do sr. José Fernando Jói.
— o sr. José de Sousa Contreiras, de 71 anos, natural de Santa Maria de Tavira, casado com a sr.ª D. Carolina Pimenta Araújo Contreiras.
— a sr.ª D. Maria Rosa Rodrigues, de 65 anos, natural de Lagos, casada com o sr. Sebastião Aleixo de Sousa Carrusca.
— a sr.ª D. Francisca Rosa Rodrigues, de 58 anos, natural de São Sebastião, Lagos, casada com o sr. José Rodrigues Carvalho.
— o sr. Carlos da Costa Morgado, de 62 anos, natural de Paderna, casado com a sr.ª D. Arminda Teixeira de Lacerda Salgueiro Morgado, pai do sr. Vitor Manuel Salgueiro Morgado de Costa.
— o sr. António Joaquim Pereira, de 56 anos, natural de Tavira, casado com a sr.ª D. Maria Luísa dos Santos Pereira, pai do sr. José Manuel dos Santos Pereira e do menino Vitor Manuel dos Santos Pereira.
— o sr. António Epifânio Moncheu, de 61 anos, natural de Tavira, casado com a sr.ª D. Maria da Assunção Sena.
— o sr. Luis Gonçalves Marreiros, de 83 anos, natural de Albuquerque, casado com a sr.ª D. Maria Isabel.
— o sr. Luis Agostinho Gonçalves, de 26 anos, natural de Portimão, casado com a sr.ª D. Isabel Francisca Cabral Gonçalves.
— o sr. Joaquim Rufino, de 70 anos, marítimo, natural de Odeleite.
— o sr. José Grazina, de 70 anos, natural de S. Brás de Alportel.
— a sr.ª D. Vitória dos Santos Pereira da Conceição, de 68 anos, natural de S. Clemente (Loulé).
— a sr.ª D. Emília do Rosário Tomé, de 81 anos, natural de Faro, mãe da sr.ª D. Argentina do Rosário Tomé Arcanjo.
— o sr. Amadeu de Jesus Martins, de 55 anos, natural de Tavira.
— o sr. José dos Santos Reis, de 24 anos, natural de Bensafim (Lagos).
— o menino Sérgio Manuel Faustino Matias Santana, natural de Alvor, filho da sr.ª D. Dora Branquinho Faustino Santana e do sr. Manuel Matias Santana.
— o sr. Constantino Luís Romão, de 50 anos, natural de Lagos, casado com a sr.ª D. Eglantina Vilhena Duarte Romão, pai da sr.ª D. Maria Inês Vilhena Romão.
Em EVRAL (França) — o sr. Francisco José Ascensão Pisco, de 84 anos, pedreiro, natural da Luz de Tavira, que deixou viúva a sr.ª D. Maria Leonilde do Nascimento Lourenço e três filhos menores.

Dr. Jorge Abílio da Veiga Magalhães
Faleceu em Lisboa o sr. dr. Jorge Abílio Falcão Leite Pereira de Seabra da Veiga Magalhães, de 75 anos, natural de Albuquerque, licenciado em Direito e capitão do Exército, aposentado.
Deixa viúva a sr.ª D. Matilde Moreira Magalhães e era pai das sr.ªs D. Consuelva Isabel de Magalhães Faria, casada com o sr. dr. César Pacheco Faria, D. Maria Beatriz Magalhães Paulo, casada com o sr. Joaquim Paulo e dos srs. dr. Jorge Fernando Seabra Magalhães e Rui Manuel Seabra Magalhães.

João Pedro de Brito
Em Lisboa, onde há muitos anos reside, faleceu o sr. João Pedro de Brito, de 71 anos, natural da Tavira que deixou viúva a sr.ª D. Mariana das Dores de Lemos Lobo Fremeiro Pantoja de Brito. Era pai da sr.ª D. Ana Judith de Lemos Pantoja de Brito e do sr. João Alberto de Lemos Pantoja de Brito; sogro da sr.ª D. Lucília Semedo Pantoja de Brito; avô do sr. João Carlos Semedo Pantoja de Brito; irmão das sr.ªs D. Maria Marta de Brito, D. Maria Antónia de Brito Salgueiro e D. Maria Isabel de Brito Pantoja, professora oficial; pai do sr. dr. Carlos Alberto Pantoja de Brito, coronel aposentado António Maria Pinto Salgueiro e Joaquim Filipe de Lemos Lobo Fremeiro Pantoja; e tio das sr.ªs D. Maria Madalena de Brito Salgueiro Coelho, casada com o sr. agente técnico de Engenharia Domingos José de Oliveira Coelho, D. Alice da Silveira Pantoja, D. Emília Stuart Guerreiro de Lemos Pantoja, D. Gabriela da Silveira Pantoja e D. Maria Teresa Rocha de Lemos Pantoja Mendes, casada com o sr. Carlos Espada Mendes, e dos srs. António Augusto de Brito Salgueiro, Hélder Carlos de Brito Salgueiro, e Carlos Maria de Lemos Pantoja Mendes.

TAMBÉM FALECERAM:
Em TAVIRA — a sr.ª D. Angelina do Livramento Viegas, de 90 anos, daí natural, mãe do sr. João Luis Arnedo.
Em FARO — a sr.ª D. Aurora Esperança Mestre, natural de Castro Marim, viúva de António João Mestre, antigo combatente da primeira Guerra Mundial, e mãe da sr.ª D. Zulmira Mestre Serafim e do sr. João Francisco Mestre, funcionário da Capitania do Porto de Vila Real de Santo António.
Em LISBOA — o sr. Francisco José Jói, de 66 anos, natural de Silves, que deixou viúva a sr.ª D. Maria Rosa Carreta Jói e era pai da sr.ª D. Ester Carreta Jói, Fernando e do sr. José Fernando Jói.
— o sr. José de Sousa Contreiras, de 71 anos, natural de Santa Maria de Tavira, casado com a sr.ª D. Carolina Pimenta Araújo Contreiras.
— a sr.ª D. Maria Rosa Rodrigues, de 65 anos, natural de Lagos, casada com o sr. Sebastião Aleixo de Sousa Carrusca.
— a sr.ª D. Francisca Rosa Rodrigues, de 58 anos, natural de São Sebastião, Lagos, casada com o sr. José Rodrigues Carvalho.
— o sr. Carlos da Costa Morgado, de 62 anos, natural de Paderna, casado com a sr.ª D. Arminda Teixeira de Lacerda Salgueiro Morgado, pai do sr. Vitor Manuel Salgueiro Morgado de Costa.
— o sr. António Joaquim Pereira, de 56 anos, natural de Tavira, casado com a sr.ª D. Maria Luísa dos Santos Pereira, pai do sr. José Manuel dos Santos Pereira e do menino Vitor Manuel dos Santos Pereira.
— o sr. António Epifânio Moncheu, de 61 anos, natural de Tavira, casado com a sr.ª D. Maria da Assunção Sena.
— o sr. Luis Gonçalves Marreiros, de 83 anos, natural de Albuquerque, casado com a sr.ª D. Maria Isabel.
— o sr. Luis Agostinho Gonçalves, de 26 anos, natural de Portimão, casado com a sr.ª D. Isabel Francisca Cabral Gonçalves.
— o sr. Joaquim Rufino, de 70 anos, marítimo, natural de Odeleite.
— o sr. José Grazina, de 70 anos, natural de S. Brás de Alportel.
— a sr.ª D. Vitória dos Santos Pereira da Conceição, de 68 anos, natural de S. Clemente (Loulé).
— a sr.ª D. Emília do Rosário Tomé, de 81 anos, natural de Faro, mãe da sr.ª D. Argentina do Rosário Tomé Arcanjo.
— o sr. Amadeu de Jesus Martins, de 55 anos, natural de Tavira.
— o sr. José dos Santos Reis, de 24 anos, natural de Bensafim (Lagos).
— o menino Sérgio Manuel Faustino Matias Santana, natural de Alvor, filho da sr.ª D. Dora Branquinho Faustino Santana e do sr. Manuel Matias Santana.
— o sr. Constantino Luís Romão, de 50 anos, natural de Lagos, casado com a sr.ª D. Eglantina Vilhena Duarte Romão, pai da sr.ª D. Maria Inês Vilhena Romão.
Em EVRAL (França) — o sr. Francisco José Ascensão Pisco, de 84 anos, pedreiro, natural da Luz de Tavira, que deixou viúva a sr.ª D. Maria Leonilde do Nascimento Lourenço e três filhos menores.

Dr. Jorge Abílio da Veiga Magalhães
Faleceu em Lisboa o sr. dr. Jorge Abílio Falcão Leite Pereira de Seabra da Veiga Magalhães, de 75 anos, natural de Albuquerque, licenciado em Direito e capitão do Exército, aposentado.
Deixa viúva a sr.ª D. Matilde Moreira Magalhães e era pai das sr.ªs D. Consuelva Isabel de Magalhães Faria, casada com o sr. dr. César Pacheco Faria, D. Maria Beatriz Magalhães Paulo, casada com o sr. Joaquim Paulo e dos srs. dr. Jorge Fernando Seabra Magalhães e Rui Manuel Seabra Magalhães.

João Pedro de Brito
Em Lisboa, onde há muitos anos reside, faleceu o sr. João Pedro de Brito, de 71 anos, natural da Tavira que deixou viúva a sr.ª D. Mariana das Dores de Lemos Lobo Fremeiro Pantoja de Brito. Era pai da sr.ª D. Ana Judith de Lemos Pantoja de Brito e do sr. João Alberto de Lemos Pantoja de Brito; sogro da sr.ª D. Lucília Semedo Pantoja de Brito; avô do sr. João Carlos Semedo Pantoja de Brito; irmão das sr.ªs D. Maria Marta de Brito, D. Maria Antónia de Brito Salgueiro e D. Maria Isabel de Brito Pantoja, professora oficial; pai do sr. dr. Carlos Alberto Pantoja de Brito, coronel aposentado António Maria Pinto Salgueiro e Joaquim Filipe de Lemos Lobo Fremeiro Pantoja; e tio das sr.ªs D. Maria Madalena de Brito Salgueiro Coelho, casada com o sr. agente técnico de Engenharia Domingos José de Oliveira Coelho, D. Alice da Silveira Pantoja, D. Emília Stuart Guerreiro de Lemos Pantoja, D. Gabriela da Silveira Pantoja e D. Maria Teresa Rocha de Lemos Pantoja Mendes, casada com o sr. Carlos Espada Mendes, e dos srs. António Augusto de Brito Salgueiro, Hélder Carlos de Brito Salgueiro, e Carlos Maria de Lemos Pantoja Mendes.

TAMBÉM FALECERAM:
Em TAVIRA — a sr.ª D. Angelina do Livramento Viegas, de 90 anos, daí natural, mãe do sr. João Luis Arnedo.
Em FARO — a sr.ª D. Aurora Esperança Mestre, natural de Castro Marim, viúva de António João Mestre, antigo combatente da primeira Guerra Mundial, e mãe da sr.ª D. Zulmira Mestre Serafim e do sr. João Francisco Mestre, funcionário da Capitania do Porto de Vila Real de Santo António.
Em LISBOA — o sr. Francisco José Jói, de 66 anos, natural de Silves, que deixou viúva a sr.ª D. Maria Rosa Carreta Jói e era pai da sr.ª D. Ester Carreta Jói, Fernando e do sr. José Fernando Jói.
— o sr. José de Sousa Contreiras, de 71 anos, natural de Santa Maria de Tavira, casado com a sr.ª D. Carolina Pimenta Araújo Contreiras.
— a sr.ª D. Maria Rosa Rodrigues, de 65 anos, natural de Lagos, casada com o sr. Sebastião Aleixo de Sousa Carrusca.
— a sr.ª D. Francisca Rosa Rodrigues, de 58 anos, natural de São Sebastião, Lagos, casada com o sr. José Rodrigues Carvalho.
— o sr. Carlos da Costa Morgado, de 62 anos, natural de Paderna, casado com a sr.ª D. Arminda Teixeira de Lacerda Salgueiro Morgado, pai do sr. Vitor Manuel Salgueiro Morgado de Costa.
— o sr. António Joaquim Pereira, de 56 anos, natural de Tavira, casado com a sr.ª D. Maria Luísa dos Santos Pereira, pai do sr. José Manuel dos Santos Pereira e do menino Vitor Manuel dos Santos Pereira.
— o sr. António Epifânio Moncheu, de 61 anos, natural de Tavira, casado com a sr.ª D. Maria da Assunção Sena.
— o sr. Luis Gonçalves Marreiros, de 83 anos, natural de Albuquerque, casado com a sr.ª D. Maria Isabel.
— o sr. Luis Agostinho Gonçalves, de 26 anos, natural de Portimão, casado com a sr.ª D. Isabel Francisca Cabral Gonçalves.
— o sr. Joaquim Rufino, de 70 anos, marítimo, natural de Odeleite.
— o sr. José Grazina, de 70 anos, natural de S. Brás de Alportel.
— a sr.ª D. Vitória dos Santos Pereira da Conceição, de 68 anos, natural de S. Clemente (Loulé).
— a sr.ª D. Emília do Rosário Tomé, de 81 anos, natural de Faro, mãe da sr.ª D. Argentina do Rosário Tomé Arcanjo.
— o sr. Amadeu de Jesus Martins, de 55 anos, natural de Tavira.
— o sr. José dos Santos Reis, de 24 anos, natural de Bensafim (Lagos).
— o menino Sérgio Manuel Faustino Matias Santana, natural de Alvor, filho da sr.ª D. Dora Branquinho Faustino Santana e do sr. Manuel Matias Santana.
— o sr. Constantino Luís Romão, de 50 anos, natural de Lagos, casado com a sr.ª D. Eglantina Vilhena Duarte Romão, pai da sr.ª D. Maria Inês Vilhena Romão.
Em EVRAL (França) — o sr. Francisco José Ascensão Pisco, de 84 anos, pedreiro, natural da Luz de Tavira, que deixou viúva a sr.ª D. Maria Leonilde do Nascimento Lourenço e três filhos menores.

Dr. Jorge Abílio da Veiga Magalhães
Faleceu em Lisboa o sr. dr. Jorge Abílio Falcão Leite Pereira de Seabra da Veiga Magalhães, de 75 anos, natural de Albuquerque, licenciado em Direito e capitão do Exército, aposentado.
Deixa viúva a sr.ª D. Matilde Moreira Magalhães e era pai das sr.ªs D. Consuelva Isabel de Magalhães Faria, casada com o sr. dr. César Pacheco Faria, D. Maria Beatriz Magalhães Paulo, casada com o sr. Joaquim Paulo e dos srs. dr. Jorge Fernando Seabra Magalhães e Rui Manuel Seabra Magalhães.

João Pedro de Brito
Em Lisboa, onde há muitos anos reside, faleceu o sr. João Pedro de Brito, de 71 anos, natural da Tavira que deixou viúva a sr.ª D. Mariana das Dores de Lemos Lobo Fremeiro Pantoja de Brito. Era pai da sr.ª D. Ana Judith de Lemos Pantoja de Brito e do sr. João Alberto de Lemos Pantoja de Brito; sogro da sr.ª D. Lucília Semedo Pantoja de Brito; avô do sr. João Carlos Semedo Pantoja de Brito; irmão das sr.ªs D. Maria Marta de Brito, D. Maria Antónia de Brito Salgueiro e D. Maria Isabel de Brito Pantoja, professora oficial; pai do sr. dr. Carlos Alberto Pantoja de Brito, coronel aposentado António Maria Pinto Salgueiro e Joaquim Filipe de Lemos Lobo Fremeiro Pantoja; e tio das sr.ªs D. Maria Madalena de Brito Salgueiro Coelho, casada com o sr. agente técnico de Engenharia Domingos José de Oliveira Coelho, D. Alice da Silveira Pantoja, D. Emília Stuart Guerreiro de Lemos Pantoja, D. Gabriela da Silveira Pantoja e D. Maria Teresa Rocha de Lemos Pantoja Mendes, casada com o sr. Carlos Espada Mendes, e dos srs. António Augusto de Brito Salgueiro, Hélder Carlos de Brito Salgueiro, e Carlos Maria de Lemos Pantoja Mendes.

TAMBÉM FALECERAM:
Em TAVIRA — a sr.ª D. Angelina do Livramento Viegas, de 90 anos, daí natural, mãe do sr. João Luis Arnedo.
Em FARO — a sr.ª D. Aurora Esperança Mestre, natural de Castro Marim, viúva de António João Mestre, antigo combatente da primeira Guerra Mundial, e mãe da sr.ª D. Zulmira Mestre Serafim e do sr. João Francisco Mestre, funcionário da Capitania do Porto de Vila Real de Santo António.
Em LISBOA — o sr. Francisco José Jói, de 66 anos, natural de Silves, que deixou viúva a sr.ª D. Maria Rosa Carreta Jói e era pai da sr.ª D. Ester Carreta Jói, Fernando e do sr. José Fernando Jói.
— o sr. José de Sousa Contreiras, de 71 anos, natural de Santa Maria de Tavira, casado com a sr.ª D. Carolina Pimenta Araújo Contreiras.
— a sr.ª D. Maria Rosa Rodrigues, de 65 anos, natural de Lagos, casada com o sr. Sebastião Aleixo de Sousa Carrusca.
— a sr.ª D. Francisca Rosa Rodrigues, de 58 anos, natural de São Sebastião, Lagos, casada com o sr. José Rodrigues Carvalho.
— o sr. Carlos da Costa Morgado, de 62 anos, natural de Paderna, casado com a sr.ª D. Arminda Teixeira de Lacerda Salgueiro Morgado, pai do sr. Vitor Manuel Salgueiro Morgado de Costa.
— o sr. António Joaquim Pereira, de 56 anos, natural de Tavira, casado com a sr.ª D. Maria Luísa dos Santos Pereira, pai do sr. José Manuel dos Santos Pereira e do menino Vitor Manuel dos Santos Pereira.
— o sr. António Epifânio Moncheu, de 61 anos, natural de Tavira, casado com a sr.ª D. Maria da Assunção Sena.
— o sr. Luis Gonçalves Marreiros, de 83 anos, natural de Albuquerque, casado com a sr.ª D. Maria Isabel.
— o sr. Luis Agostinho Gonçalves, de 26 anos, natural de Portimão, casado com a sr.ª D. Isabel Francisca Cabral Gonçalves.
— o sr. Joaquim Rufino, de 70 anos, marítimo, natural de Odeleite.
— o sr. José Grazina, de 70 anos, natural de S. Brás de Alportel.
— a sr.ª D. Vitória dos Santos Pereira da Conceição, de 68 anos, natural de S. Clemente (Loulé).
— a sr.ª D. Emília do Rosário Tomé, de 81 anos, natural de Faro, mãe da sr.ª D. Argentina do Rosário Tomé Arcanjo.
— o sr. Amadeu de Jesus Martins, de 55 anos, natural de Tavira.
— o sr. José dos Santos Reis, de 24 anos, natural de Bensafim (Lagos).
— o menino Sérgio Manuel Faustino Matias Santana, natural de Alvor, filho da sr.ª D. Dora Branquinho Faustino Santana e do sr. Manuel Matias Santana.
— o sr. Constantino Luís Romão, de 50 anos, natural de Lagos, casado com a sr.ª D. Eglantina Vilhena Duarte Romão, pai da sr.ª D. Maria Inês Vilhena Romão.
Em EVRAL (França) — o sr. Francisco José Ascensão Pisco, de 84 anos, pedreiro, natural da Luz de Tavira, que deixou viúva a sr.ª D. Maria Leonilde do Nascimento Lourenço e três filhos menores.

Dr. Jorge Abílio da Veiga Magalhães
Faleceu em Lisboa o sr. dr. Jorge Abílio Falcão Leite Pereira de Seabra da Veiga Magalhães, de 75 anos, natural de Albuquerque, licenciado em Direito e capitão do Exército, aposentado.
Deixa viúva a sr.ª D. Matilde Moreira Magalhães e era pai das sr.ªs D. Consuelva Isabel de Magalhães Faria, casada com o sr. dr. César Pacheco Faria, D. Maria Beatriz Magalhães Paulo, casada com o sr. Joaquim Paulo e dos srs. dr. Jorge Fernando Seabra Magalhães e Rui Manuel Seabra Magalhães.

João Pedro de Brito
Em Lisboa, onde há muitos anos reside, faleceu o sr. João Pedro de Brito, de 71 anos, natural da Tavira que deixou viúva a sr.ª D. Mariana das Dores de Lemos Lobo Fremeiro Pantoja de Brito. Era pai da sr.ª D. Ana Judith de Lemos Pantoja de Brito e do sr. João Alberto de Lemos Pantoja de Brito; sogro da sr.ª D. Lucília Semedo Pantoja de Brito; avô do sr. João Carlos Semedo Pantoja de Brito; irmão das sr.ªs D. Maria Marta de Brito, D. Maria Antónia de Brito Salgueiro e D. Maria Isabel de Brito Pantoja, professora oficial; pai do sr. dr. Carlos Alberto Pantoja de Brito, coronel aposentado António Maria Pinto Salgueiro e Joaquim Filipe de Lemos Lobo Fremeiro Pantoja; e tio das sr.ªs D. Maria Madalena de Brito Salgueiro Coelho, casada com o sr. agente técnico de Engenharia Domingos José de Oliveira Coelho, D. Alice da Silveira Pantoja, D. Emília Stuart Guerreiro de Lemos Pantoja, D. Gabriela da Silveira Pantoja e D. Maria Teresa Rocha de Lemos Pantoja Mendes, casada com o sr. Carlos Espada Mendes, e dos srs. António Augusto de Brito Salgueiro, Hélder Carlos de Brito Salgueiro, e Carlos Maria de Lemos Pantoja Mendes.

TAMBÉM FALECERAM:
Em TAVIRA — a sr.ª D. Angelina do Livramento Viegas, de 90 anos, daí natural, mãe do sr. João Luis Arnedo.
Em FARO — a sr.ª D. Aurora Esperança Mestre, natural de Castro Marim, viúva de António João Mestre, antigo combatente da primeira Guerra Mundial, e mãe da sr.ª D. Zulmira Mestre Serafim e do sr. João Francisco Mestre, funcionário da Capitania do Porto de Vila Real de Santo António.
Em LISBOA — o sr. Francisco José Jói, de 66 anos, natural de Silves, que deixou viúva a sr.ª D. Maria Rosa Carreta Jói e era pai da sr.ª D. Ester Carreta Jói, Fernando e do sr. José Fernando Jói.
— o sr. José de Sousa Contreiras, de 71 anos, natural de Santa Maria de Tavira, casado com a sr.ª D. Carolina Pimenta Araújo Contreiras.
— a sr.ª D. Maria Rosa Rodrigues, de 65 anos, natural de Lagos, casada com o sr. Sebastião Aleixo de Sousa Carrusca.
— a sr.ª D. Francisca Rosa Rodrigues, de 58 anos, natural de São Sebastião, Lagos, casada com o sr. José Rodrigues Carvalho.
— o sr. Carlos da Costa Morgado, de 62 anos, natural de Paderna, casado com a sr.ª D. Arminda Teixeira de Lacerda Salgueiro Morgado, pai do sr. Vitor Manuel Salgueiro Morgado de Costa.
— o sr. António Joaquim Pereira, de 56 anos, natural de Tavira, cas

A CARTA

Mas isto será verdade? Quem é essa Aldegundes?

Temos recebido ultimamente estas cartas de Aldegundes Casanova, mas o certo é que não sabemos onde é que ela vive, onde trabalha...

Eu, Aldegundes me confesso que fiquei vesga com o que aquele homem de bigodes me disse. Foi para o pé da doca, chorei, chorei ao pé daquele barco que já parece mais um poeta que um gerente bancário...

Corel, corel tanto, palavra que a temperatura subiu como um guindaste. Ele até me prometeu que iria não sei a que Feira da Alemanha e lá compraria uma máquina que é só a gente falar e fica logo tudo escrito...

Que importa a má ternura dos poetas abandonados? Se dentro de mim dura a raiva do passado?

Até para a semana. Cumprimentos à Mosca do Diário de Lisboa. Passem bem, que eu não posso comprar marisco.

Aldegundes Casanova

O LEITOR INTERESSADO PODE RECORRER AS CARTAS DE ALDEGUNDAS E COLECIONAR...

ARTES

NA GALERIA BALAIÁ A RESPONSABILIDADE DE EXPOR ARTE A OLHOS DESABITUADOS DE 20 DE JULHO A 10 DE AGOSTO

Se você não tem automóvel peça a um amigo, se não tiver um amigo a quem pedir organize a sua vida e desenrasque-se! Mas não perca a exposição da Galeria Balaiá...

A actividade artística regular da Galeria Balaiá merece que você, nem se importe com a barba, nem se importe com o ir de automóvel silencioso ou motocicleta ruidosa...

Pedro Xavier

MINIALFA - 1 E 2

A ELECTROBOMBA QUE MAIS SE VENDE EM PORTUGAL «SOALFA», a mais completa gama de Electrobombas. Electrobombas para água sob pressão...

Virgílio Pereira Brás

CONSTRUTOR CIVIL Telefone 228. Vende prédios ou andares em Vila Real de Santo António. Informa-se na Rua D, naquela vila.

Mais de 40 anos de experiência...

Em feridas infectadas FURÚNCULOS E ANTRAZES PASTA "SANO"

CONTRA A FURUNCULOSE LABORATÓRIO "SANO", V. N. GAIA À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS.



Vão realizar-se os Jogos Florais da Praia de Quarteira

Por iniciativa da comissão de festas da praia de Quarteira e com o patrocínio da Comissão Regional de Turismo do Algarve, vão efectuar-se os Jogos Florais de 1970 da Praia de Quarteira...

As produções devem ser inéditas e dactilografadas, com um mínimo de um original e 4 cópias. Cada produção, que deve ser subscrita com um pseudónimo ou divisa e ter a indicação da modalidade literária...

Os trabalhos enviados para este concurso não serão restituídos aos autores, e a comissão de festas da praia de Quarteira poderá publicá-los se assim o entender.



Mais um Verão sem água em Alfundanga

TERCAMOS armas para que fosse uma realidade, e é-o quase. Quase, apenas porque a maldita burocracia emperra tudo e todos. Até quando? Para quando a descoberta do antídoto que termine com o que consideramos a mais grave doença e praga deste País?

Vem este arazoado a propósito das obras de dotação de água domiciliária a Alfundanga. Muito se escreveu sobre o assunto e não caiu em saco roto, como se dizer-se. O Município encarou o caso com o desejo de resolução pronta, logo que foi garantido o fornecimento de água ao conceelho...

João Leal

Os trabalhos enviados para este concurso não serão restituídos aos autores, e a comissão de festas da praia de Quarteira poderá publicá-los se assim o entender.

Na modalidade Poesia Obrigada a Mote, foi escolhida, para mote a glorar, a quadra do poeta Mário Peixoto:

Distância, filho? Distância é o precipício que vai da aurora da tua infância ao ocaso do teu pai...

O mote para a quadra popular é o seguinte: SAUDADE.

SERVICE OFICIAL DIESEL BOSCH - CAV - SIMMS PESSOAL ESPECIALIZADO MAQUINAS ELECTRONICAS EXECUÇÃO RAPIDA

Traineira

Com 17 metros sem alvará, óptima para a pesca do alto com motor de 205 H.P. Vende Abel Figueiredo Luís-LAGOS.

Monte Gordo

Vend. andares e lojas na melhor Avenida em frente do mar. Resp. Av. de Roma, 70-3.º-F-Dt.º - Lisboa-5.

"DIFERENTE!"



O ARISTOCRATA DOS REFRIGERANTES

Carbo Sidral REFRESCO DE MAÇA

Distribuidores no Algarve Francisco Martins Farrajota & Filhos, Lda. Portimão Telefone, 123 Loulé Telefone, 62002

Advertisement for wine featuring 'ARRUDA' and 'NÃO MUDA'. Includes text: 'QUEM BEBE VINHOS ARRUDA NÃO MUDA' and 'Produzidos pela ADEGA COOPERATIVA DE ARRUDA DOS VINHOS'.

ESPAÇO DE TAVIRA

Todos têm lugar no mundo em que vivemos?

QUEM olha para ele, sente repugnância. No entanto, é um ser humano, com a diferença que é dos que vieram ao mundo para evidenciar as diferenças sociais do homem...

Correio de LAGOS

POR QUE NÃO CRIAR EM LAGOS UM CENTRO ESCOLAR INFANTIL? Lagos, todos o sabemos, está deficientemente servida de estabelecimentos de ensino...

corpo mal cheiroso, duma falta de higiene extrema, deixa no seu rasto. Toda esta miséria é culpa sua? Se lho perguntassem, responderia talvez, com um lento encolher de ombros...

Ofir Chagas

Óptimos andares em Faro

Vendem-se nos melhores locais da cidade. Informa: Rua Eng.º Duarte Pacheco, 8-Faro

Lavandaria

Trespassa-se em Portimão, por os seus proprietários não poderem estar à testa. Trata no local na Rua Júdice Fialho, 52.

Advertisement for 'MARISCOS VIVOS' (Live Shellfish) and 'CAFÉ RESTAURANTE CENTRAL'. Includes text: 'De várias espécies, em aquários. Especialidade da casa: Camarões grelhados na chapa.'

Palavras do sr. Presidente do Conselho a propósito da morte do sr. Prof. Salazar

(Conclusão da 1.ª página)

É essa obra de civilização para a qual o Acordo Missionário assegurou o concurso da Igreja Católica que em 1961 o surto de terrorismo no Congo veio pôr em perigo. Vidas, bens, a paz interna de Angola estão em risco. Se há injustiças a corrigir o Poder tem força suficiente para o fazer. Mas importa defender as populações, a obra civilizadora realizada, o próprio futuro de convivência numa sociedade multirracial; e Salazar toma a decisão histórica de enviar tropas «rapidamente e em força» e de resistir ao que então se julgava irresistível sopro dos ventos da História.

Em contraste com os pensadores derrotistas do século XIX, este homem de pensamento, mas sobretudo governante de visão clara, esclarecida energia e férrea vontade, soube dar unidade aos portugueses e inspirar-lhes ideais que neles resuscitassem o espírito de missão.

Para isso valorizou a História no fito de aí encontrar a motivação do futuro. Ele próprio foi um elo. Não rejeitou nada do passado da Nação que pudesse ser útil para edificar o porvir. Portugal sofrera na sua alma os estragos de um século de negação: ele foi o grande afirmador das virtualidades, das certezas, das possibilidades de Portugal.

Para sustentar os direitos portugueses no mundo, forjou um Exército que em todas as ocasiões em que tem sido necessário, na defesa contra ameaças de fora ou para dominar subversões de dentro, esteve e está presente; reconstituiu a Marinha; criou a Força Aérea; deu à nossa diplomacia um dos períodos áureos da sua História.

Mas se pretendia que o País não estivesse indefeso, tinha como preocupação dominante conservar ou implantar a Paz. Coube-lhe enfrentar os transe dolorosos da guerra civil espanhola cuja projecção histórica desde o princípio adivinhou. E durante os anos trágicos da Segunda Guerra Mundial a sua preocupação de todos os minutos foi tirar partido das condições criadas na Península Ibérica para a manter fora do conflito, como uma zona de paz. Para defender os portugueses do flagelo da guerra passou horas angustiosas, vigiou noites intermináveis, silenciosamente, sem que o povo adivinhasse sequer os perigos que corria. A imaginação do seu génio diplomático e a prudência excepcional do seu tacto governativo, garantiram aos portugueses os benefícios da paz. Foi um servidor da Paz. Foi-o mesmo quando implacavelmente castigava a desordem e a subversão. Porque a Paz não se serve pela frouxidão e pelo abandono, mas com a firmeza que evita as crises, intimidando os agressores e reduzindo à impotência os agentes da perturbação.

Dentro da sua preocupação de governar em paz, quis também garantir aos portugueses a paz religiosa. A liberdade dos cultos não lhe deixou esquecer que a religião católica é professada pela esmagadora maioria do País e está ligada às mais lídimas tradições nacionais. Católico de toda a vida e crente fervoroso, Salazar deu à Igreja em Portugal possibilidades e perspectivas que a Concordata com a Santa Sé veio consolidar segundo as concepções dessa época.

Para avaliar a obra de Salazar é preciso comparar o Portugal que ele recebeu ao assumir o Governo com o Portugal que ele deixou. Recebeu um País arruinado, dividido, convulso, desorientado, deserte nos seus destinos, intoxicado por uma política estéril. Deixou um País ordenado, unido, consciente, seguros dos seus objetivos e com capacidade para os atingir.

Quarenta anos de governo não podem decorrer sem sombras. Governar é necessariamente descontar. No balanço de uma política, há por força um passivo a enfrentar o activo. Mas nesta hora de verdade o saldo positivo é enorme. Salazar foi um grande governante. Foi um grande português. E nas horas dramáticas em que sozinho teve de tomar resoluções decisivas para os destinos nacionais, como naquelas em que singelamente procurava reintegrar-se no meio familiar da aldeia onde nasceu, nas alegrias como nas dores, nas virtudes como nos defeitos, nos rasgos senhoriais de príncipe como nos escrúpulos de administrador prudente, na dureza do governante como nas delicadezas enternecedoras da sensibilidade, ele foi, em toda a dimensão da palavra e em toda a dignidade da espécie — um Homem.

EDITAL

MANUEL RITA ALGARVIO, Chefe da Delegação Aduaneira de Faro:

Faço saber que no dia 24 de Agosto de 1970, pelas 15 horas, nesta Delegação Aduaneira, serão vendidos, em hasta pública:

39 645	maços de cigarros marca «Winston» pequenos
695	» » » » longos
9 876	» » » » «Craven A»
2 831	» » » » «Marlboro»
236	» » » » «Kent»
540	» » » » «Benson»

Toda a mercadoria se encontra no Armazém desta Delegação.

Os arrematantes, que serão identificados pelo bilhete de identidade, quando adquiram mercadorias que se destinem a comércio, deverão apresentar o competente conhecimento comprovativo do pagamento da contribuição industrial e o certificado de comerciante a que se refere o art.º 2.º do Decreto-Lei n.º 48 261 de 1968.

E eu escrevo, Maria Augusta Guerreiro Rosa, o subscrevi. Delegação Aduaneira de Faro, 21 de Julho de 1970.

O Chefe,

Manuel Rita Algarvio,

ALGARVE

Praia de Armação de Pêra

Prédio rústico situado na privilegiada zona da Senhora da Rocha. Vende: JOAQUIM DA E. PEREIRA.

Terrenos para Construções

Prédios de Rendimento e Andares

Em nova urbanização, servido por transportes colectivos, com grande futuro.

VENDEM BARATO: J. PEREIRA JOR. E J. S. CARRUSCA Estrada da Penha FARO

«Ao Serviço do Comércio e Indústria Hoteleira»



Distribuidores no Algarve

Francisco Martins Farrajota & Filhos, Lda.

Câmaras Frigoríficas

Portimão

Telefone 123

Loulé

Telefone 62002

ALGARVE - 1970: Cantinho de S. Brás... Gente em subassociação

(Conclusão da 1.ª página)

sociativa de nossos avós era uma realidade funcional e activa. Entre eles e nós, agora, os jovens ou os velhos a quem os jovens dão juventude, o tempo foi um conjunto de desintegrações graves.

As associações musicais deixaram de ser escolas de educação musical básica, ficaram na farda tribal sistemática e inerte, vivendo de subsídios municipais e de ganhos esporádicos: as populações não viram nelas o funcionamento real e sensível, pouco a pouco a associação musical era apenas estandarte sobre o sócio defunto. Para além das suas exhibições, para além dos seus prémios: as associações musicais ou se converteram em modestas empresas da magia e do trabalho dos seus músicos (quase sempre emprestados) ou então se extinguíram com aquela morte que é a imposição e a proibição mais totalitária da criatividade dos homens.

Não falemos do teatro que em relação ao teatro basta ver: espalhados pelo Algarve existem dezenas e dezenas de palcos. Outrora para cada palco havia um grupo cénico. Hoje? A heróica existência do grupo de teatro do Circulo Cultural do Algarve não exagera a afirmação da nossa falta de soli-

dariedade social e a de que as condições prévias funcionais da cultura no Algarve estão longe de provar a consciência colectiva da necessidade de cultura.

Demos alguns exemplos desta incerteza associativa com que as populações do Algarve contam para um futuro onde as formas culturais são indispensáveis; para um futuro onde cada um sómente associado aos outros é que renovará as instituições, as práticas padronizadas, os sistemas de crenças, etc.... Demos alguns exemplos da nossa mentalidade subassociativa que tem causado nos campos os maiores desgastes, nas cidades as maiores perdas de recursos humanos, e no mar abstrações geográficas. Demos alguns exemplos deste Algarve durante séculos ancorado ao sul do País, barco natural de onde as populações mal saíam e entre si mal se comunicavam. O Algarve-barco de xisto, de folte e de casco a desfazer-se em areia fina onde as populações da praia não conheciam as da popa e as de estibordo desconheciam as de bombordo. O Algarve era um barco velho do país, carregado de etnias, de complicações locais, um barco à parte. Mas hoje, a força da sua internacionalização integrou-o num conteúdo sociológico e político diferente. Agora é o País que precisa de renovar este barco que devia já ser cais petrificado pela força dos séculos. E nesse programa de renovação é o homem que tem braços, é o homem que tem a única posição no grupo social. O homem do Algarve que deve ser hoje a resposta activa aos estímulos da terra. Estamos a criar a cidade do Algarve nesta civilização de litoral. Nessa construção, a mentalidade associativa deve ser o elemento fundamental do nosso desenvolvimento, do nosso crescimento depois, da nossa ocupação profunda do chão.

Urge então a arrancada desta cafunia subassociativa. Arrancada em Lagos no Grémio lacobrigense em função dos homens que o acolham para sítio de arrancada. Arrancada no Sindicato dos Sapeiteiros de Loulé onde os homens se aglomerem especializados. Arrancada na Tôr, onde a agricultura seja o meio de abastecer o exterior e de corrigir os cérebros. Arrancada em Faro, com o Circulo, onde nenhuma observação subestime os aspectos do futuro da gente, que por mera arbitrariedade se julguem secundários. Arrancada nos hotéis, com essa gente da indústria hoteleira a delinear um plano anual, já que o sistema se incita. Arrancada em Tavira, pois a grandeza de uma cidade avulta-se pelos seus produtos. Arrancada em todo o Algarve numa escolha explicada. O algarvio é basicamente associativo: observemos as suas relações de vizinhança, a sua frequência de desvio de padrões morais, os seus fortes laços familiares. Mas apesar de basicamente associativo, vive em subassociação. Os números provam, os nossos olhos vêem e das vicissitudes históricas nos surgem estas preocupações.

ANTES de iniciar a publicação dos «Cartas a um turista», devia ter esclarecido os leitores e conterrâneos, de que qualquer analogia de nomes, apelidos, simples alcunhas e outros factores de hipotética identificação, seria pura coincidência. Os meus personagens situam-se no presente ou no passado, constituindo elementos vivos no entrelago, mosaicos da vida real são-brasense encarnando figuras típicas mas sob nomes fictícios.

Posto, este esclarecimento algo tardio, sigamos o assunto das cartas, as quais, segundo informações particulares, têm despertado interesse relativo nos honrados trabalhadores que emigram da nossa terra, mourejando o pão longe do «torrózinho de Alcantas» que é S. Brás de Alportel. Vítimas da saúde traiçoeira, alguns retornam ao lar em férias precoces, embora no dia seguinte estejam arrepentidos. De facto, onde nos damos bem, lá é a nossa terra, expressão retinamente portuguesa, e sinónimo duma filosofia certíssima. Salvo guardar o futuro de percalços, é manifestação de inteligência e bom senso. Aíds como a vida vai rodando, não devemos acalentar perniciosos sentimentalismos de evidente pieguice, até porque a crítica acerada como navalha de barbeiro, logo sussurra de mais, qual enzima de vespa assanhada. E S. Brás tem sido sempre juiz integérrimo nos assuntos particulares de cada um dos seus filhos. As nossas tesouras são do mais fino aço inglês, não oxidam, nem se gastam com tanto trapo que escuratejam...

Sabes amigo, instalou-se junto do mercado municipal um óptimo recinto, explorado pela nova colectividade são-brasense, com a missão de apelar a monotonia que aqui fizera quartel-general. A propósito, não será viável um acordo englobando a empresa do cinema, para que a arte dos Lumières se exhiba ao ar livre?

Não fiquem, por favor, magoados com a sugestão porque as salas agora são fornos crematórios e de Inverno paisagem polar. Procure-se reunir o útil ao agradável e que o público seja o grande beneficiário, mesmo que haja aumento de preços. Todos os negócios têm de dar saldos positivos na gestão das actividades comerciais e industriais. Estude-se o caso, porque parece-me, vamo-nos sentir como peixe na água.

Se fôssemos ao talho requisitar as nádegas de borreguinho de mama, às tardas da praça, «engatara» luzida pesada da Fuseta, as mais frescas e repolhudas alfaces, o feijão verde e batatas carnudas sem manchas de escaravelho — à vontade, como cão por vinha vindimada, sem um simples «a-ponte» (que ponte será esta?) para salvar as aparências — também poderíamos ir gozar, marcando mesa, e beber umas cervejotas geladinhas. Mas como não temos geladas desse género, que deixam da orelha da cidra talhantes, arripiando a olhar uns para os outros com os negociantes de frutos e legumes, cara de basbaques, evitamos meter-nos em cavalarias altas, gozando os acordes cá do outro lado do muro. Se houvesse uns buraguinhos para observar o que se passa, para não jurar falso, seria ideal. Mas a obra está bem vedada, com arte, e o pseudo-jornalista, ou fará conjecturas, ou terá de não armar

em manhoso e sovina, colaborando activamente na equipa que leva a peito sensacional recolha de fundos. Para que o futebol são-brasense deixe de espertar pela greta da 3.ª Divisão, são indispensáveis sacrifícios enormes, divididos irredimivelmente.

De forma que embora seja pessoa anódina por temperamento, não deixam alguns amigos de recorrer a certos expedientes, e de à queima roupa, dizem-me que só faço propaganda da banha da cobra, mas com o rabinho de fora (este «rabinho», entende-se que seja porta-moedas, carteira ou equivalente...). Sinto, porém, que, em 9 000 habitantes, me apenas não terá significado material. Se me isolasse num silêncio sepulcral, não referindo os acontecimentos, decerto seria pouco construtivo e até impróprio de quem escreve com certa regularidade.

Terão ainda de compreender que certos assuntos sinto reclusão em focá-los, mas não deixo de o fazer. Será de maneira empírica, para que no meu espírito a percentagem de desaccordo e antipatia fique doseada a ponto de me induzir a mim próprio. Não tenho, de facto, feição (espécie de pau para toda a colher), sentindo de uma maneira e actuando de outra. Quem assim procede, acho que seja um fracassado, emsimasmando-se sem remissão. Ou entramos, mesmo sem convicções justificativas, na euforia da festa, ou somos olhados com sobranceria e altivez. Não há lugar para neutralidades. Por nós ou contra nós, nem mais nem menos, tal é o dilema.

E como não há outro recurso, depois de velhos, carecas, pintados de branco e desdentados, termos de enfileirar com um sorriso nos lábios obedecendo ao programa tin-tin-por-tin-tin. Vocês não têm por aí uns dólares para uma bolinha? Se sobrasse algum, garanto que seria para o hospital. FARRAS? Foi chio que já deu uas!

F. Clara Neves

FASCINANTE

a prática da

CAÇA SUBMARINA

as melhores marcas no Centro Comercial Arnaldo R. Tenente Valadim, 22 Faro

Station Peugeot 404 Diesel

Vendo em óptimo estado.

Abel Figueiredo Luís — LAGOS.

VISITE EM QUARTEIRA O RESTAURANTE ISIDORO O MAIS TÍPICO DO ALGARVE

Cozinha Regional

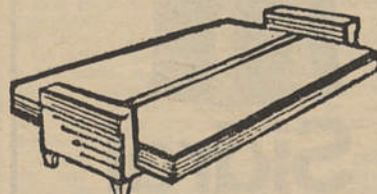
director técnico: ISIDORO

PRATOS DO DIA

Bife de Atum à Barraca
Sardinhas na Brasa
Caldeirada
Camarão de Quarteira
Ostras à Isidoro
Amêijoas na Cataplana
Lavaçante

Lagosta
Feijoada à Barraca (ao Domingo)
Ervilhas à Rita
Perdiz à Isidoro
Frango na Púcara
Doce Regional

E AINDA OUTROS PRATOS DIVERSOS



Totalmente fabricado com espuma e ainda com gavetão interior apenas por 2.000\$00

Exposição e venda na:

ELECTRIFICADORA DO SUL

Tel. 73 094 e 72 257 — OLHÃO

Carlos Albino

PENICHE VENDEM-SE

2 Barcos com licença das pescas costeiras, com aparelhos de anzol, redes da pescada e covos.

- | | |
|---------------------------------|--------|
| 1 - Comprimento F. F. | 19,m35 |
| Boca | 4,m70 |
| Pontal | 1,m68 |
| Motor—CUMMINS de 205 H. P. | |
| 2 - Comprimento F. F. | 12,m45 |
| Boca | 3,m79 |
| Pontal | 1,m30 |
| Motor—VOLVO «PENTA» de 71 H. P. | |

Trata — JOSÉ AUGUSTO PATA—Telf. 99345

A crise nas pescas e nas conservas

(Conclusão da 1.ª página)

Também no bacalhau houve queda: a pesca, que totalizara, em 1967, nada menos de 71 553 toneladas, baixou para 67 558 em 1968 e para 40 886 no ano passado. Como facilmente se conclui foram sobretudo os maus resultados das campanhas da sardinha e do bacalhau que contribuíram para acentuar, em 1969, a crise que aflige o sector das pescas de há alguns anos a esta parte.

A EXPORTAÇÃO AUMENTOU

Todavia, a exportação aumentou, no que se refere ao peixe fresco, refrigerado e congelado, tendo declinado a de crustáceos e de moluscos. No conjunto, o valor das exportações atingiu 201 mil contos (185 mil em 1968). Foram principais clientes para o peixe fresco a Itália e a Espanha e para os crustáceos e moluscos a França.

Do que os números dizem não é difícil extrair conclusões. E a primeira será forçosamente, a que se refere às consequências de ordem económica e social que o avolumar da crise origina. Efectivamente, a redução da actividade da indústria conserveira, importante fonte de divisas para o País, cria problemas humanos de difícil solução, em especial na nossa Província, onde o rastilho do aumento do custo de vida continua inexoravelmente a arder.

Não se sabe, efectivamente, como conciliar o desenvolvimento turístico com a crise nas actividades tradicionais que são a base de sobrevivência da população indígena.

Claro que aceitar o decréscimo no volume das pescas (e a consequente redução na actividade conserveira) como irreversível fatalidade é uma posição cómoda. Não trará, no entanto, qualquer solução ao problema. Esse problema cuja raiz,

cuja origem, em nossa opinião, se situa muito mais longe: numa crise de impreparação técnica, de aproveitamento deficiente. E, realmente, fácil aceitar o «destino». A missão do homem, porém, é contrariá-lo. E aí reside o difícil.

Torquato da Luz

VENDE-SE

Propriedade de sequeiro, com bastante rendimento de alfarroba e azeitona.

Fácil acesso, Estrada da Asseca-Tavira.

Resposta a este jornal ao n.º 13219.

Factos e imagens

(Conclusão da 1.ª página)

geira, prevalecendo agora os franceses e os alemães. Os seus ocupantes encham, na Praça e ruas adjacentes, as casas de comércio, em busca dos mais variados artigos, desde o postal ilustrado aos géneros alimentícios ou à simples lembrança de mais um local por onde se passa e de que se gosta. Outros divagam por longos momentos pelos jardins da Avenida, olhando as flores, o rio, o característico da arquitectura, e tirando fotografias. Outros ainda descansam nos bancos da Praça, fitando curiosos o obelisco e o seu enquadramento e muitos ficam-se por longos minutos nas esplanadas dos cafés da rua-passeio, saboreando os sorvetes ou a bebida da sua preferência. Alguns, e algumas, esperam nos cafés, enquanto os cônjuges se abastecem no minúsculo mercado.

Nestas manhãs de Julho, Agosto e parte de Setembro, Vila Real de Santo António torna-se como que um grande centro internacional de férias, em que milhares de estrangeiros e de nacionais das mais diversas procedências a devassam intensamente, em busca de tudo o que se lhes possa oferecer. E bom seria, na verdade, que houvesse um pouco mais para oferecer-lhes, tanto na vila como em Monte Gordo.

— C. da R.

Vai decorrer no Algarve o Concurso das Construções na Areia

De 3 de Agosto a 21 de Setembro, promove o «Diário de Notícias» pela 19.ª vez a interessante e educativa iniciativa que é o Concurso das Construções na Areia. Em 25 das praias do litoral algarvio, a petizada vai ter de novo o ensejo de pôr à prova a sua habilidade, acompanhando todo o entusiasmo que sempre tem caracterizado esta promoção.

Para o Algarve, foram marcados os seguintes dias do próximo mês para a realização do Concurso: Dia 5, em Lagos, às 12 horas; dia 7, em Monte Gordo, às 12,30; dia 9, em Tavira, às 15,30; dia 11, em Faro, às 17,30; dia 14, em Quarteira, às 9 horas; dia 16, em Armação de Pêra, às 10 horas e dia 18, na Praia da Rocha, às 11,30 horas.

ENSINO NO ALGARVE

PRIMARIO

A regente escolar sr.ª D. Marinha Rodrigues da Silva, foi transferida do posto de Pé de Erva para o de S. Faustino (Loulé).

Foi concedida a 1.ª diurnidade à sr.ª D. Maria Alice Mamede Martins Cabrita da Luz, professora da escola mista de Vale Fúzeiro (Silves).

TÉCNICO

Por conveniência urgente de serviço, foram nomeados professores provisórios: na Escola Industrial e Comercial de Silves, do 8.º grupo, a sr.ª D. Maria Valentina Madeira Mendes Lopes; e do 2.º grupo, na Escola Industrial e Comercial de Faro, o sr. João Afonso Henriques, tendo sido nomeados professores auxiliares provisórios: na Escola Industrial de Olhão, a sr.ª D. Maria da Conceição Barriga Lourenço Dias e na Escola Industrial e Comercial de Faro, as sr.ªs D. Maria Helena Rosado da Cruz Marneiros Cardeira e D. Maria Helena Selva Reis Monteiro Belchior.

MERECEM BORLA E CAPELO... OS VINHOS VERDES "CAMPELO"!



Os VINHOS CAMPELO são «doutores» em VINICULTURA... Peça em toda a parte: VINHOS CAMPELO

Um produto da rede distribuidora **PRONOR**
DEPOSITOS—FARO telef. 23669—TAVIRA—telef. 264—LAGOS telef. 287
PORTIMÃO—telef. 148—ALMANCIL—telef. 34—MESSINES—telef. 8 e 89

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
Estabelecimentos **TEÓFILO FONTAINHAS NETO-Com. e Ind., S. A. R. L.**
Telf. 01433 • Teleg. TEOF • Telef. 8 e 89—Caixa Postal 1 S. B. de MESSINES • ALGARVE • PORTUGAL

Compra-se

Casa ou vivenda, com terreno anexo ou sem ele, ou mesmo pequena propriedade, com água, área de Faro até Tavira, perto da estrada nacional.

Dirigir respostas à Rua Mouzinho de Albuquerque, n.º 11 r/c — FARO.

JORNAL DO ALGARVE
N.º 697 — 1-8-1970

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 5.º Juízo

1.ª PUBLICAÇÃO

ACÇÃO SUMÁRIA N.º 36

— AUTORA — Valentim de Carvalho, Comércio e Indústria S. A. R. L.

— RÉU — Daniel dos Santos, casado, industrial, ausente em parte incerta, com último domicílio na Rua dos Micanos, 30, Olhão e outros.

Correm éditos de 30 dias a contar da 2.ª publicação deste anúncio, citando o réu indicado, para os termos da acção e do recurso interposto do despacho que indeferiu liminarmente a petição inicial. A autora pretende que o réu seja condenado a pagar-lhe, além dos acrescidos legais, a quantia de 400\$00.

Lisboa, 10 de Julho de 1970.

O Juiz de Direito,

(a) **Inácio Alfredo da Fonseca Fernandes**

O Escrivão da 1.ª secção,

(a) **José Alfredo da Costa Azevedo**

Tenda de Campismo Vende-se

Completamente nova com cerca de 3,60x2m.

Tratar com Vitoriano Barrote, Rua do Pacheco, 13 — OLHÃO.

GRÁTIS!

Oferecemos um **MAGNÍFICO RELÓGIO SUÍÇO** para homem ou senhora



na compra de

Televisores rádios e gravadores

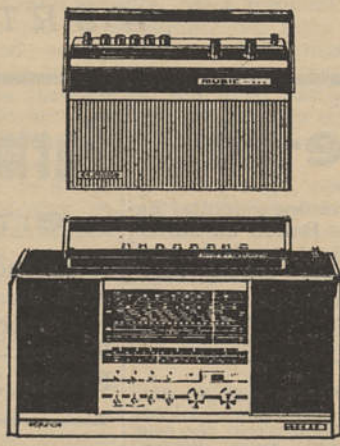
Máquinas de lavar

Frigoríficos e fogões

Aspiradores e enceradoras

Gira discos

Televisores e rádios



Aproveite já esta oportunidade pois esta oferta é limitada; dirija-se sem demora a

ELECTROMERCADOS DO ALGARVE, LDA.

TAVIRA
Rua da Liberdade, 32

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Rua Teófilo Braga

OLHÃO
Rua 18 de Junho, 4 C e 4 D

ou a **RÁDIO BERCKO**

ALBUFEIRA
Av. Eduardo Rios, 16

PORTIMÃO
Rua da Guarda, 49

JANELA DO MUNDO

(Conclusão da 1.ª página)

população existente, salvando-se apenas os «escolhidos» isto é, ele, Manson, e a sua quadrilha, que seriam chamados a governar e a auxiliar o resto do Mundo.

Esta alucinante história faz parte do processo de Manson e tem vindo a ser revelada no tribunal de Los Angeles perante os ouvidos incrédulos dos assistentes.

Éis uma faceta do fenómeno «hippy» levada ao extremo, combinada com tudo de mau que tem a sociedade americana, com o ódio racial em primeiro plano. As drogas são um fenómeno sempre presente e que tem perturbado, também, a nova geração dos Estados Unidos.

Os últimos meses têm revelado que a LSD e outras drogas, algumas até de origem europeia, vêm influenciando a sociedade americana onde têm grande expansão. Nixon já declarou «guerra à droga» e algumas redes de estupefacientes têm sido descobertas entre Nova Iorque e a outra margem do Atlântico.

Mas enquanto as populações jovens não forem educadas em seus princípios de repúdio por esse tipo de sensações novas à margem da lei, não poderá erguer-se uma sociedade com estabilidade para dar lições e servir de exemplo ao mundo.

O «processo Manson» é o caso típico a que pode chegar um grupo de transviados, que resolve decidir do seu destino sem quaisquer obstáculos de ordem moral, e através de todos os excessos. Um julgamento que o Mundo está a acompanhar com interesse.

Mateus Boaventura

Ótimo Emprego de Capital Grande propriedade vende-se:

Na Luz de Tavira, junto à Estrada Nacional, com 6 hectares de terreno em regadio, pomar de citrinos com 800 árvores, abundância de água mesmo em anos secos, habitação para caseiro e mais dependências.

Resposta à Redacção deste jornal ao n.º 13219.

Terreno Vende-se

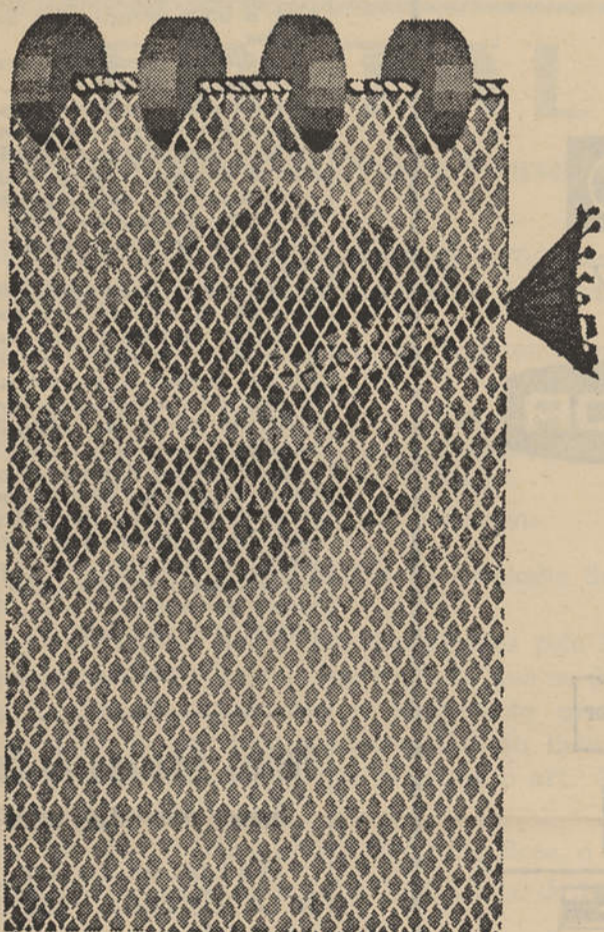
Cerca de 18 000 m², com árvores de frutos, vista para o mar, a 4 km. da praia de Armação de Pêra, junto da Estrada Nacional Portimão-Faro, com água e energia eléctrica a pequena distância.

Trata: Telef. n.º 135 — Armação de Pêra ou 2761205, em Almada.



Antigamente o marco-padrão assinalava a descoberta...
Vasco da Gama, assim o fez.

Hoje...
para bom peixe...
boas redes!
Mas...
fabricadas pela
COMPANHIA DE REDES DE PESCA, LIMITADA



a luta do pescador...

...pelo pão nosso de cada dia

O pescador puxa a rede do mar.
Será que vem peixe, será?
O pescador confia no mar generoso e na sua rede resistente.
Ele sabe que as suas redes lutam por si defendendo o seu peixe, não o deixando evadir-se.
São redes fortes, seguras!

Redes da melhor proveniência tecidas em 100%. Nylon tipo 66 da I. C. I. (Marca famosa) em todas as bitolas e em diversas grossuras de fio

Companhia de Redes de Pesca, Limitada

SEDE: Rua Bartolomeu Dias, 17-19 • Telef. 6100 35-61 27 29
Teleg. REDES • LISBOA-3
Fábricas em LISBOA e BENGUELA

Agentes gerais no Algarve:
PEDRO BENTO DE AZEVEDO, SUCRS., LDA.
PORTIMÃO

Vai realizar-se o XI Recenseamento Geral da População e o I Recenseamento da Habitação

Desde que a antiga Direcção-Geral de Estatística, pela Lei n.º 1911, de 23 de Maio de 1935, deu lugar ao Instituto Nacional de Estatística, já se realizaram os Recenseamentos de 1940, 1950 e 1960. Anteriormente, de acordo com as recomendações do Congresso Internacional de Estatística de São Petersburgo, de 1872, realizaram-se censos nos anos terminados em zero a partir de 1890, com excepção do que se fez em 1911, cujo atraso foi motivado pelas perturbações resultantes da mudança de regime. Antes disso, do mesmo tipo dos actuais, haviam sido efectuados censos em 1864 e 1878.

No ano em curso, a par do XI Recenseamento Geral da População, realizar-se-á o I Recenseamento da Habitação, com base nas recomendações da Comissão Económica para a Europa e através de directrizes adaptadas ao caso português pelo Conselho Nacional de Estatística.

As normas estabelecidas em reuniões internacionais destinam-se a assegurar a comparabilidade com operações censitárias anteriores, não só nacionais como estrangeiras. Os recenseamentos têm de ser referidos a um determinado momento. No caso do XI Recenseamento Geral da População, esse momento verifica-se às 0 horas do dia 15 de Dezembro do ano em curso. No entanto, antes da operação geral, serão feitos o Inventário de Prédios e Fogos e um recenseamento-piloto a cerca de 170 000 famílias.

O inventário destina-se a habilitar o Instituto no sentido de poder dirigir-se a toda a população com o fim de fazer entrega dos boletins de recenseamento. As operações-piloto têm por finalidade verificar se os instrumentos de notação e toda a montagem dos trabalhos se encontram devidamente adaptados aos objectivos que é necessário alcançar. Como poderia o I. N. E. dirigir-se a todas as famílias em Dezembro, se não dispusesse dos elementos actualizados que o Inventário de Julho lhe facultaria? Como poderia correr bem o recenseamento se os boletins a utilizar e a própria organização dos trabalhos não fossem testados previamente a uma escala reduzida? Estas interrogações evidenciam o interesse fundamental de que se revestem as operações a que estamos a reportar-nos. Essas operações prévias serão referidas às 0 horas do dia 29 de Julho p. f.

Para o Inventário de Prédios e Fogos, para as operações-piloto e para os Recenseamentos da População e da Habitação, o I. N. E. já solicitou o apoio e a colaboração das Câmaras Municipais dos concelhos rurais e das Administrações dos Bairros das cidades de Lisboa e Porto.

Torna-se desnecessário encarecer a importância deste empreendimento, que tem por objectivo conhecer a população em número e em qualidade, isto é, em todas as características (idade, instrução, actividade profissional, condições de vida e de habitação, etc.).

Nos dias que correm, para se fazer um planeamento consciente ao nível nacional ou regional é necessário possuir elementos que sirvam de base às decisões a tomar. Assim, planeando nos sectores da instrução, da assistência, das realizações sociais, da habitação, das actividades profissionais, da emigração e do desenvolvimento industrial, agrícola e comercial exige que se conheçam as realidades actuais nesses campos de actividade. Nestas condições, cabe às Câmaras Municipais desempenhar um papel de transcendente importância no desenrolar das operações censitárias que se aproximam, já que por definição se encontram interessadas na resolução dos problemas das respectivas regiões.

Por outro lado, não deve perder-se de vista que os dados estatísticos, para serem úteis, devem possuir duas características fundamentais — verdade e actualidade. Para o conseguir, o I. N. E. necessita da compreensão, da boa vontade e da colaboração do público e das entidades a quem é cometida a missão de auxiliar o Instituto na concretização dos seus objectivos.

A acção das entidades ligadas a este empreendimento terá de ser dedicada e pertinaz, esforçada e dinâmica. Só assim será viável por a disposição da Administração os pontos de apoio informativos que possibilitem o arranque regional e nacional que está no pensamento dos governantes. A colaboração do público é obrigatória, mas o Instituto espera encontrar o melhor acolhimento a uma mais sincera boa vontade para esta iniciativa, que vise alcançar objectivos estreitamente ligados ao interesse nacional e à promoção do bem comum.

Em todos os inquéritos, a receptividade do público em relação aos empreendimentos que incumbem ao I. N. E. tem sido excelente. As poucas excepções verificadas, que constituem uma percentagem ínfima, são o melhor argumento em favor do que se afirma. No decorrer do Censo, que é uma operação de incontestável utilidade pública, aguarda-se que a população colabore de maneira ainda mais espontânea e sincera, dando uma valiosa alicia para o êxito final da iniciativa.

Além disso, nunca é demais referir que todas as pessoas que prestam informações ao Instituto têm a garantia de uma absoluta confidencialidade para os dados que facultam, visto que os funcionários ao serviço do I. N. E. são obrigados por lei a observar o mais rigoroso segredo estatístico.

Camion

Mercedes Benz L 328, Basculante.
Vende José de Sousa Gomes, telefone 66116—Boliquireme.

Limousine

Reprodutor, macho, nascido em 20 de Março de 1969, vende-se. Mostra Albino Maria Silvestre—Bordalete — Bordeira (Aljezur).

Em Faro

Pensão — Restaurante — Café Avenida, com Esplanada
Trespasa-se. Motivo à vista. Indicações no local.

Notícias de LOULÉ Vende-se

NESTA mascarada de vida, nós, os velhos, sentimo-nos tão desorientados como os novos.
Como é que podemos de conhecer as pessoas, nesta dança de modas, em que a moda, ao contrário do que era até aqui, se compra em ter figurinas pessoais conforme o exotismo e a extravagância de cada um? Como podemos adivinhar que aquele senhor de calças vermelhas e camisa de riscas, é um delegado do Ministério Público e que aquele senhor de camisa por fora das calças e enfias nos pés é um oficial superior do Exército? Aquela senhora que usa mini-mini saia, é uma professora e aquela outra que veste umas calças justinhas, mostrando as curvas atrosas do seu belo corpo, é uma assistente social.
Quem nos diria que aquela rapariga que veste uma maxi-saia, leva um roupão, que, apesar de a cobrir toda, desenda uma perna nua até à coxa através de uma fenda lateral toda aberta, o que só se nota quando anda ou se senta? E a costureirinha gentil de cabellinho à rapaz ao lado da aprendiz de cabeleireira que leva os cabelos pendentes pelas costas até quase ao cóis da saia? E a mulher do campo, com o

queixo saliente e a tez tiznada, de cara de má, que vai ao volante do automóvel!
Achamos bem que cada um, ande como quer, que os rapazes escolham saias ou calças com a mesma liberdade e desenvoltura com que as mulheres o fazem, mas, reconhecamos, que estas hoje têm mais liberdade do que o género masculino. Simplesmente, seria detestável para nós que os homens optassem pelas saias, a menos que, por um paralelo snob, a nossa legislação se fosse aproximando da inglesa.
Vi há dias uma pequena que, querendo dar nas vistas, trazia umas calças compridas de qualquer tecido ligeiro e a cobri-lhe os seios um soutien do mesmo tecido e o umbiguinho à mostra. Muito interessante e fino para andar em Loulé.
Também me contaram que um rapaz estrangeiro entrou num estabelecimento bancário da vila, descalço e só com uma mini-tanga. O gerente perguntou-lhe apenas, se no seu país, se entrava assim nos bancos. E como a resposta fosse negativa, observou-lhe o seguinte: — O senhor julga que nós não temos calor? Temos tanto como o senhor, mas para o atender e servir

Casa com 5 divisões e quintal na Rua E, n.º 14 — Bairro do Matadouro em Vila Real de Santo António. Informa Teresa de Jesus Rodrigues, frente ao campo de futebol na mesma Vila.
Estamos aqui sacrificados e de gravata, e embora ninguém nos obrigue a isso, achamos que é mais correcto ter esta prova de consideração pelos clientes. Mas esta consideração, pressupõe um mínimo de reciprocidade.
O estrangeiro, achou a lição a propósito e passando as notas que tinha na mão, para um companheiro melhor vestido, lá foi: — «I am sorry. Thank you.»
Deixei para o fim a excelência das cabeleiras dos jovens que não cortam o cabelo e acham de bom tom manter o cabelo encaracolado por cima dos colarinhos. Talvez seja uma maneira de a economia da despesa com o cabeleireiro, aditar a da lavagem do colarinho. Mas, valha-nos Deus que alguns mais parecem do sexo oposto...
R. P.

Farmácia Franco em Tavira

Arrenda-se ou vende-se alvará da mesma.
Tratar com Rosa Gonçalves Franco — Rua D. Marcelino Franco, 23 — TAVIRA.

Camas Vendem-se

Tipo hotel, modelo americano, 10 camas individuais formando 5 de casal, com os respectivos colchões de Lusoepuma em estado novo.
Trata Joaquim Manuel Gonçalves Pontes — Café Central — Telef. 65230 — Quarteira.

Reunião no Algarve de elementos responsáveis do Serviço Nacional de Emprego

Decorreu de segunda a quarta-feira, na sede do Serviço Nacional de Emprego, em Faro, uma reunião de elementos responsáveis por este organismo. Presidiu o dr. Luís Morales, director daquele Serviço e participaram os chefes das divisões regionais, seus adjuntos e responsáveis pelos diversos sectores da zona sul, que agrupa os distritos de Lisboa, Santarém, Faro, Évora, Setúbal e Funchal.
Na reunião foi apreciada a forma como o Serviço Nacional de Emprego actuou no último trimestre e as realizações a promover.
JORNAL DO ALGARVE
lê-se em todo o Algarve.

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

Notícias

do futebol algarvio

Está confirmada a presença das turmas algarvias do Farense e do Olhanense no «X Troféu da Giraldas», a disputar em Sevilha nos dias 18, 19 e 20 de Agosto. A prova conta ainda com a participação das equipas do Cádiz e do Triana, respectivamente da II e III Ligas Espanholas. Os encontros disputar-se-ão no Estádio de Nervion, na capital andaluz e o floco estabelecido que na jornada inaugural se não deffrontassem as formações portuguesas.

Uma boa oportunidade para dar a necessária rodagem às equipas.

— Na capital algarvia, o técnico Manuel de Oliveira assume hoje as suas funções. No dia seguinte, o técnico do Farense, Osvaldo Silva voltará ao contacto com o seu «team» no próximo dia 4.

— Vinuesa, que como jogador e treinador tem o seu nome ligado ao futebol do sul, orientará o Sintrense na próxima época. Uma curta viagem de Marvila para Sines.

— Continuam por marcar as datas dos sorteios dos Campeonatos Nacionais de Futebol, o que tem causado transtornos aos clubes devido aos jogos a efectuar no estrangeiro.

Filho, guardião algarvio que há anos foi figura grande do futebol português, está radicado em Angola, onde treina a equipa do Cazenga, recente vencedor do II Torneio Cuca.

— Na tentativa de conciliação entre o jogador-treinador do Olhanense Osvaldo Silva e o Académico de Viseu, faltaram as duas partes constantes no processo. Por esse motivo, a Comissão de Primeira Instância da Federação Portuguesa de Futebol mandou notificar o clube visense para contestar, querendo, a acção que lhe move o actual técnico do Olhanense.

— O Fortimonense Sporting Clube já despendeu no seu parque de jogos, 300 contos em obras de terraplenagens, compra e colocação de manilhas para descarga e escoamento das águas pluviais, etc. Os grandes esforços realizados pelo prestigioso clube para que Fortimão tenha um recinto desportivo condigno, merecem o apoio das entidades oficiais. Por isso se espera tenha deferimento o pedido de subsídio formulado à Federação Portuguesa de Futebol.

Realizou-se na nossa Redacção o sorteio final do concurso-previsão que decorreu paralelamente à disputa dos troféus «Brandy Casal Sereno». Recordamos que nas edições de *Journal do Algarve* eram inseridos cupões em que os nossos leitores faziam as suas previsões quanto aos vencedores da II Divisão (zona sul) e III Divisão (zona D), que foram o Farense e o Olhanense.

Ao êxito que rodeou esta iniciativa, a que a firma Francisco Matias, de Torres Vedras, deu o melhor patrocínio, correspondem os leitores da forma mais entusiástica enviando muitas centenas de boletins.

Os troféus «Brandy Casal Sereno» (instituídos para premiar os melhores marcadores algarvios) foram conquistados por Nelson Faria, do Farense (II Divisão) e Simões, do Olhanense (III Divisão) e estiveram expostos em vários locais do Algarve.

Efectuado o sorteio final, verificou-se terem sido contempladas duas senhoras, às quais desde já apresentamos as nossas felicitações. O 1.º prémio foi para a sr.ª D. Adelina Maria Brito, residente em Hortas, Vila Real de Santo António, sendo o prémio constituído por uma caixa de garrafas de «Brandy Casal Sereno» (Very Old) e um saco Carry, contendo vários produtos alimentares. O 2.º prémio foi para Faria, sendo contemplada a sr.ª D. Maria Teresa Carlos, Rua Miguel Bombarda, 3, que recebeu uma caixa de garrafas de «Brandy Casal Sereno» (Cinco Estrelas) e também um saco Carry, com produtos alimentares.

Encerrada desta forma a iniciativa do *Journal do Algarve*, «Troféu Casal Sereno», cumpre-nos testemunhar mais uma vez o nosso agradecimento pela



BRANDY CASAL SERENO

Duas senhoras contempladas no sorteio final

Realizou-se na nossa Redacção o sorteio final do concurso-previsão que decorreu paralelamente à disputa dos troféus «Brandy Casal Sereno». Recordamos que nas edições de *Journal do Algarve* eram inseridos cupões em que os nossos leitores faziam as suas previsões quanto aos vencedores da II Divisão (zona sul) e III Divisão (zona D), que foram o Farense e o Olhanense.

Ao êxito que rodeou esta iniciativa, a que a firma Francisco Matias, de Torres Vedras, deu o melhor patrocínio, correspondem os leitores da forma mais entusiástica enviando muitas centenas de boletins.

Os troféus «Brandy Casal Sereno» (instituídos para premiar os melhores marcadores algarvios) foram conquistados por Nelson Faria, do Farense (II Divisão) e Simões, do Olhanense (III Divisão) e estiveram expostos em vários locais do Algarve.

Efectuado o sorteio final, verificou-se terem sido contempladas duas senhoras, às quais desde já apresentamos as nossas felicitações. O 1.º prémio foi para a sr.ª D. Adelina Maria Brito, residente em Hortas, Vila Real de Santo António, sendo o prémio constituído por uma caixa de garrafas de «Brandy Casal Sereno» (Very Old) e um saco Carry, contendo vários produtos alimentares. O 2.º prémio foi para Faria, sendo contemplada a sr.ª D. Maria Teresa Carlos, Rua Miguel Bombarda, 3, que recebeu uma caixa de garrafas de «Brandy Casal Sereno» (Cinco Estrelas) e também um saco Carry, com produtos alimentares.

Encerrada desta forma a iniciativa do *Journal do Algarve*, «Troféu Casal Sereno», cumpre-nos testemunhar mais uma vez o nosso agradecimento pela

CHÁ DE HAMBURGO

LEGÍTIMO
Estimulante digestivo
BOA DISPOSIÇÃO PARA TODO O DIA
Benefícios nas perturbações das vias urinárias
À venda nas farmácias

ROGAMBOLE

(Continuação)

RECEIOS

— Percebo — disse Bastien levantando-se para ir cumprir esta ordem.

Quando este saiu, entrou o criado de quarto do conde com uma carta. Desde que Armando se encarregara da nobre missão de praticar o bem, com o que gastava uma grande parte dos seus rendimentos; desde que, usando de todos os disfarces, procurava nos diversos bairros de Paris o infortunado para suavizar, e perseguia os malfetores que escapam ao rigor da lei, o conde tinha uma policia secreta, cujas ramificações se estendiam por todas as classes da escala social.

Todos os dias recebia longos e minuciosos relatórios, cheios de informações; umas vezes tratava-se de acudir a uma família honesta a braços com a miséria, outras, de livrar uma criança dos maus tratos de mãos mercenárias, e não raras vezes de castigar um desses crimes tenebrosos, que escapam à vigilância da lei.

Armando abriu a carta que o criado lhe trouxera e leu o seguinte: «Em Outubro de 18... durante a guerra de Espanha, uma menina chamada Teresa retirou-se em companhia de uma senhora já idosa que passava por sua tia, para a Marlotte, nas imediações de Fontainebleau, e ali passou o Inverno e a Primavera seguinte. A menina estava grávida. Seria viúva, ou cometera alguma falta? Esta última hipótese é a mais admissível. Em fins da Primavera deu à luz uma criança do sexo feminino, que foi baptizada com o nome de Hermínia. As duas senhoras,

Torneio de Tiro aos Pratos em Portimão

No novo stand de tiro do estádio do Portimonense Sporting Clube, realiza-se amanhã às 15 horas um torneio de Tiro aos Pratos com o seguinte programa:

Prova de Abertura — 10 pratos e Prova de Honra — 30 pratos (15 + 15). A inscrição para a primeira prova é de 10000 e para a segunda 30000.

Os prémios são os seguintes: Prova de Abertura: 1.º prémio, uma Taça Dielmar; 2.º, uma Taça Sofabril; 3.º, uma taça Camisas Magna; 4.º e 5.º, uma taça cada.

Prova de Honra: 1.º prémio, Taça Banco Nacional Ultramarino (prata — valor 150000) e 3 libras; 2.º, Taça Gravatas Zircal e 2 libras em ouro; 3.º, Taça Pedraes C. D. Lisboa e uma libra; 4.º, Taça Tecidos Realce e uma libra; 5.º, Taça Alvisex e uma libra; 6.º, 7.º e 8.º, medalhas de prata; 9.º e 10.º, medalhas.

CICLISMO A Volta chega ao Algarve na segunda-feira

Com o maior entusiasmo e a presença das equipas do Ginásio Clube de Tavira, Caldi, Brasileira, Benfica, Sporting, Sangalhos, Coelima, Ambar e Portimão iniciaram-se em 25 do mês findo a 1.ª etapa da 33.ª Volta a Portugal em Bicicleta. A festa maior do desporto nacional chega na segunda-feira à nossa Província, com a disputa da 15.ª etapa entre Santiago do Cacém e Torralta (150 quilómetros).

A partida está marcada para as 15 horas e a chegada provável às 19 horas, passando a caravana por Cercal do Alentejo, Odemira, S. Teotónio, Odeceixe, Aljezur, Bensafim, Lagoa e Alvor. Nos dias seguintes, é este o programa:

16.ª etapa — dia 4 — Torralta-Tavira (112 quilómetros) — partida: 10 horas. Chegada provável: 13 horas. Por Alvor, Portimão, Lagoa, Alcantarilha, Boli-quelme, Povo de Boliqueime, Loulé, S. Brás de Alportel, Faro, Olhão, Livramento, Luz, com chegada à pista do Ginásio de Tavira.

17.ª etapa — dia 4, Tavira (pista do Ginásio), início às 17 horas.

18.ª etapa — dia 6, Tavira-Montemor-o-Novo (217 quilómetros). Partida: 12,30, chegada provável: 19 horas. Por Santa Catarina, S. Brás de Alportel, Barranco do Velho, Ameixal, Almodôvar, Castro Verde, Aljustrel, Ervidal, Ferreira do Alentejo, Odivelas, Torrão Alcôovas, Casa Branca, com chegada no Campo da Feira.

19.ª etapa, dia 6, Montemor-o-Novo-Alcains (196 quilómetros). Por Arraolos, Pavia, Aviz, Seia, Alter do Chão Crato, Alpalhão, Vila Velha de Ródão, Sarzedas, Castelo Branco.

20.ª etapa, dia 7, Alcains-Covilhã (59 quilómetros). Por Cruzamento de Lardosa, Alpedrinha, Fundão, Alentejo.

21.ª etapa, dia 7, Covilhã-Penhas da Saúde (10,5 quilómetros) — Contra-relógio individual.

22.ª etapa, dia 8, Castelo Branco-Abraantes (153 quilómetros). Por Sarzedas, Fregença-a-Nova, Seritá, Cernache de Bonjardim, Tomar, Constância.

23.ª etapa, dia 9, Abrantes-Cartaxo (86 quilómetros). Por Barquinha, Golega, Chamusca, Alpiarça, Almeirim, Santarém, Cartaxo.

24.ª etapa, dia 9, Vila Franca de Xira-Lisboa (35 quilómetros). Contra-relógio individual). Por Alameda, Alverca, Sacavém, Apelação, Frelas, Póvoa de Santo Adrião, Carriche, com chegada ao Estádio de Alvalade.

Novo recinto desportivo na Fuseta

O património desportivo algarvio, no sector de instalações, acaba de ser valorizado com a edificação do Parque «Almirante Henrique Tenreiro», na Fuseta.

Obra da Junta de Freguesia local, destinada à prática de basquetebol, voleibol, futebol de salão, patinagem, etc. e está confiado ao Sport Lisboa e Fuseta, cujos dirigentes têm vindo a desenvolver nos últimos tempos uma acção digna do maior apreço.

AUTOMOBILISMO

Disputa-se amanhã, integrada nas Festas da Cidade, a «VI Grande Gincaína do Clube de Futebol Esperança», em Lagos. E grande o número de prémios em disputa e excepcional o interesse entre quantos se dedicam a este desporto.

Qualquer informação pode ser pedida ao Clube de Futebol Esperança, em Lagos.

Pesca desportiva no Algarve

O Clube dos Amadores de Pesca de Faro promove amanhã a prova «António da Silva Guerreiro», em homenagem ao seu sócio fundador e grande amigo da colectividade. Disputar-se-á no molhe leste da barra do porto comum de Faro-Olhão e foram instituídos numerosos troféus e outros prémios.

Continua a suscitar o maior interesse nos meios nacionais e estrangeiros ligados à modalidade o «I Concurso Internacional de Pesca de Mar» organizado pelo Imortal de Albufeira, nas comemorações do seu 50.º aniversário.

A Galeria de Arte Vila Moura é inaugurada amanhã

Foi há 6 anos que dois estrangeiros, Phyl e Eric Tannoc inauguraram na piscatória vila do mesmo nome a Galeria Sesimbra. A partir de então, começou o seu interesse pela arte portuguesa, que têm muitas vezes levado aléim-fronteiras, tarefa que se propõem continuar com a mesma dedicação. Recordamos as exposições de arte portuguesa que efectuaram em várias cidades dos Estados Unidos, entre elas, Boston, Oceanside, San Angelo e Nova Iorque.

No continuidade da sua acção, promovem amanhã a abertura de uma nova galeria, desta vez na nossa Província. Intitula-se Galeria de Arte Vila Moura e será instalada no conhecido complexo turístico, próximo de Quarteira.

Sob a gerência do sr. J. B. Blayer figurarão obras de Rosa Ramalho, Silva Palmeira, Figueiredo Sobral, Cândido Teles, Mário Silva, prof. Querubim Lapa e outros.

Arrenda-se ou Trepassa-se

O Café Pescador na Av. da República em Vila Real de Santo António.

Motivo de excesso de trabalho, impossibilitando os proprietários de estarem à testa do negócio.

Acceptam-se propostas no local.

Arrenda-se ou Trepassa-se

O Café Pescador na Av. da República em Vila Real de Santo António.

Motivo de excesso de trabalho, impossibilitando os proprietários de estarem à testa do negócio.

Acceptam-se propostas no local.

Festas no Algarve

A S. Gonçalo, em Lagos

É o seguinte o programa definitivo das Festas a S. Gonçalo em Lagos:

Amanhã, missa solene, às 11 horas, na Igreja de Santa Maria; às 16, gincaína de automóveis no Rossio de S. João; Dia 3, às 21,30, no Cinema Império, Festival Zavaia Ritmo, em que actuam 8 conjuntos; dia 5, às 21,30, conferência sobre estudos gonçalinos por Antero Nobre, no Grémio Recreativo Lacobrigense; dia 6, às 21 horas, debates sobre assuntos juvenis, para raparigas, no Grémio Lacobrigense e para rapazes, no C. N. E.; dia 7, às 21,30, no Chão Queimado, leitura das conclusões dos debates, seguida de convívio, acompanhado por conjunto musical; dia 8, às 16 horas, gincaína de motorizadas no Rossio de S. João; às 21, festival de atletismo na Praça Infante D. Henrique seguido de distribuição de prémios na esplanada do Chão Queimado; dia 9, às 10 horas, missa na Igreja de Santa Maria, pelo prelado da diocese, seguida de sermão e procissão da imagem de S. Gonçalo; abertura do 1.º salão de arte e espectáculo junto ao arco de S. Gonçalo, promovido pelo S. N. I.

1.º Concurso de Quadras «Coelima»

Organizado pelo C. C. R. A. C. L. (Clube Cultural e Recreativo do Bairro Coelima) e patrocinado pela S. T. A. C. L. (Sociedade Têxtil Albano Coelima, S. A. R. L.), vai realizar-se o 1.º Concurso de Quadras Publicitárias «Lencóis Coelima», ao qual podem concorrer todos os indivíduos de ambas as idades, de nacionalidade portuguesa ou estrangeira, que dominem a nossa língua.

Serão atribuídos prémios para os 12 primeiros classificados e as menções honrosas que o júri entender, sendo o primeiro prémio de 750000 além de 12 jogos de cama, bordados «Coelima» e taça «Lencóis Coelima».

O prazo de entrega para as produções termina em 15 do próximo mês (data a comprovar pelo carimbo do correio).

O regulamento poderá ser solicitado ao Centro Cultural e Recreativo Albano Coelima Lima, Pevidém, com indicação «1.º Concurso de Quadras Publicitárias «Lencóis Coelima».

Serão atribuídos prémios para os 12 primeiros classificados e as menções honrosas que o júri entender, sendo o primeiro prémio de 750000 além de 12 jogos de cama, bordados «Coelima» e taça «Lencóis Coelima».

O prazo de entrega para as produções termina em 15 do próximo mês (data a comprovar pelo carimbo do correio).

O regulamento poderá ser solicitado ao Centro Cultural e Recreativo Albano Coelima Lima, Pevidém, com indicação «1.º Concurso de Quadras Publicitárias «Lencóis Coelima».

Criança morta por um automóvel

Na Estrada Nacional 125, no lugar de Vale da Venda, a 7 quilómetros de Faro, registou-se um acidente que vitimou a menina Ana Teresa da Silva Martins Palma, de 2 anos, natural de Lisboa e residente em Sacavém. A infeliz criança, que se encontrava de visita aos avós na companhia dos pais, foi colhida por um automóvel no momento em que atravessava sozinho a estrada. Era filha da sr.ª D. Maria de Lurdes Palma e do sr. António Martins Palma.

O corpo foi removido para a casa mortuária do hospital da Misericórdia de Faro, de onde o funeral saiu para o cemitério de Sacavém.

Vendedor / Sócio

Convida-se para «armazém de materiais de construção» no litoral-centro da Província, com preferência por conhecedor do ramo e mercado. Respostas detalhadas para este jornal ao n.º 13 258.

Em TAVIRA

Trepassa-se estabelecimento comercial amplo, em edifício próprio, no melhor local da cidade, podendo servir para qualquer ramo, incluindo o bancário.

Trata-se na Rua da Liberdade, 44.

Troco

Andar em Sevilha, por casa em Vila Real de Santo António ou Monte Gordo. Tratar pelos telefones 65 em Vila Real de Santo António ou 218214 em Sevilha.

Notariado Português

Cartório Notarial de Vila Real de Santo António

JUSTIFICAÇÃO

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de escrituras diversas n.º 52, de fls. 25 a fls. 27, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada em 27 de Julho corrente, e na qual, Jordão Deleite Domingues, e sua esposa D. Maria Isabel Roberto Domingues, casados, segundo o regime de comunhão geral de bens e com residência habitual em Lisboa, na Calçada da Memória, n.º 81-3.º, ele natural da freguesia e concelho de Vila Real de Santo António e ela da freguesia e concelho de Castro Marim, se declararam, com exclusão de outrem, donos e legítimos possuidores de um prédio urbano térreo, destinado a habitação, com seis compartimentos, cozinha, quarto de banho, garagem e quintal, com a área coberta de 137 m2, e descoberta de 131 m2, no sítio da Manta Rota, freguesia de Vila Nova de Cacela, concelho de Vila Real de Santo António, a confrontar do norte com Úlpio da Fonseca Nascimento, sul com a Estrada, nascente com Apolinário Pereira e poente com António Cerdeira Gil e Sebastião Jacinto, não descrito na Conservatória do Registo Predial do concelho de Vila Real de Santo António, e inscrito na matriz, em nome do justificante varão, sob o art.º 1 289, com o rendimento colectável de 3 024\$00 e o valor matricial de 60 480\$00, e a que atribuem o valor declarado de 70 000\$00.

n.º 5 deste Cartório, posteriormente rectificada por escritura de 22 de Julho corrente, lavrada a fls. 14 do livro de escrituras diversas n.º 52, deste Cartório, e que, por sua vez, o mencionado Apolinário Pereira, havia adquirido parte dessa parcela (195 m2), a Francisco Celestino e mulher Maria da Encarnação Bartolomeu, casados, segundo o regime de comunhão geral de bens, e com residência habitual no sítio da Quinta de Manuel Alves, freguesia de Vila Nova de Cacela, concelho de Vila Real de Santo António, por escritura de 7 de Abril de 1956, lavrada a fls. 25 do livro de notas n.º 246-A deste Cartório, e os restantes 73 m2 foram adquiridos pelo mesmo Apolinário Pereira, a António da Conceição Pereira e mulher Irene Gonçalves Neto, casados, segundo o regime de comunhão geral de bens, e com residência habitual no mesmo sítio da Manta Rota, há mais de vinte anos, pelo preço de 900\$00, por um contrato titulado por escrito particular, o qual não possuem, por se ter extraviado, circunstância que os impossibilita de comprovar pelos meios normais, a aquisição dos mencionados 73 m2 da indicada parcela de terreno.

Cartório Notarial de Vila Real de Santo António, trinta e um de Julho de mil novecentos e setenta.

O Ajudante,
Manuel Clemente

Cartório Notarial de Vila Real de Santo António, trinta e um de Julho de mil novecentos e setenta.

O Ajudante,
Manuel Clemente

Criado um prémio para o melhor artigo sobre o Algarve

No decurso de uma reunião da T. I. A. (Tertúlia da Imprensa Algarvia), o sr. Aníbal da Cruz Guerreiro, importante industrial algarvio e antigo jornalista, comunicou a criação de um prémio anual para o melhor artigo sobre o Algarve, publicado na Imprensa nacional. O seu valor é de cinco mil escudos e foi instituído por um grupo de empresas ligadas ao sector turístico e hoteleiro.

A escolha do trabalho a premiar competirá à Tertúlia da Imprensa Algarvia, que reúne quantos na província meridional trabalham no sector informativo.

ALUGA-SE

1.º andar, mobilado, com cinco assoalhadas e dois quartos de banho, esquentador, frigorífico, fogão a gás, roupas e louças, aluga-se no mês de Setembro e seguintes em Vila Real de Santo António. Dirigir a este jornal ao n.º 8920.

Encontradas na Fuseta ossadas que se presume sejam de um afogado

Num domingo de Julho do ano findo, a praia, junto à povoação da Fuseta, regurgitava, quando se deu um afogamento, que provocou a maior consternação. Tratava-se de um jovem de 19 anos, que da sua terra natal, Vilaviebo (Elvas), viera até ao Algarve para trabalhar com seu pai nas obras de restauro da Delegação Marítima da Fuseta. Chamava-se Alfredo Jerónimo Balle Sande e era filho da sr.ª D. Maria Teresa Balle e do sr. Eleutério Cândido Carvalho Sande. Todas as buscas foram infrutíferas, pois o jovem deveria ter caído em local profundo, uma vez que o acidente se registou junto da draga «Balsense» ali em serviço. Esta mesma draga, que ali procede aos trabalhos de aprofundamento do canal de acesso à ilha da Armona (zona oriental) lançou junto com as areias ossadas humanas, que pelo local e complexão se presume sejam do infeliz afogado de há um ano.

A Delegação Marítima da Fuseta, que procedeu à translação das ossadas para a capela mortuária, tomou providências com vista à possível identificação.

— Chama a isto um favor? — disse Joana. — Esquece que foi amigo de meu pai?

Bastien inclinou-se; depois, como se quisesse evitar à juvenil senhora tão pungentes recordações, mudou de conversa.

— Há muito tempo que mora nesta casa? — perguntou.

— Não senhor, há muito pouco.

— Conhece alguns dos inquilinos do prédio?

— Nenhum. Vivo tão isolada...

O velho soldado olhava para Joana, admirando a sua beleza aristocrática, a alvura das mãos, a expressão de melancolia que lhe imprimia ao rosto um ar de distinção inexplicável, e dizia consigo mesmo que se Joana era tão virtuosa como bela, Armando seria feliz amando-a. E o coração do antigo hussardo estremeceu de alegria com a ideia de que, talvez um dia veria aquela mulher entrar para não sair do velho palácio da rua Culture-Sainte-Catherine, onde o último conde de Kergaz vivia tão triste e só. E apesar de não dispor de grandes recursos de espírito, o velho soldado pôde trazer a conversação a ponto de falar em Armando, na nobre missão que este se impusera, na sua vida austera e triste, e no encanto e afabilidade do seu rosto e maneiras.

E apesar de não pronunciar nunca o nome de Kergaz, nem o seu, o que poderia recordar a Joana as palavras de Armando quando se despedira de Léon: «Eu moro no palácio de Kergaz, na rua Culture-Sainte-Catherine; se quiser ir ver-me, procure por Bastien», Joana estremeceu ouvindo falar nesse homem, que sob diferentes disfarces acudia aos que sofriam, e pensou no operário de mãos finas e brancas, dizendo consigo mesma:

— Se fosse ele!

A pobre menina sentia pulsar-lhe o coração sob a influência de uma estranha comoção, quando ouviu tocar a campainha na escada.

— Está tocando à sua porta — disse ela a Bastien.

Bastien levantou-se, pedindo a Joana licença para a visitar algumas vezes, licença que ela lhe concedeu sorrindo, e retirou-se. Realizou-se o que Armando esperava.

(Continua)

— Chama a isto um favor? — disse Joana. — Esquece que foi amigo de meu pai?

Bastien inclinou-se; depois, como se quisesse evitar à juvenil senhora tão pungentes recordações, mudou de conversa.

— Há muito tempo que mora nesta casa? — perguntou.

— Não senhor, há muito pouco.

— Conhece alguns dos inquilinos do prédio?

— Nenhum. Vivo tão isolada...

O velho soldado olhava para Joana, admirando a sua beleza aristocrática, a alvura das mãos, a expressão de melancolia que lhe imprimia ao rosto um ar de distinção inexplicável, e dizia consigo mesmo que se Joana era tão virtuosa como bela, Armando seria feliz amando-a. E o coração do antigo hussardo estremeceu de alegria com a ideia de que, talvez um dia veria aquela mulher entrar para não sair do velho palácio da rua Culture-Sainte-Catherine, onde o último conde de Kergaz vivia tão triste e só. E apesar de não dispor de grandes recursos de espírito, o velho soldado pôde trazer a conversação a ponto de falar em Armando, na nobre missão que este se impusera, na sua vida austera e triste, e no encanto e afabilidade do seu rosto e maneiras.

E apesar de não pronunciar nunca o nome de Kergaz, nem o seu, o que poderia recordar a Joana as palavras de Armando quando se despedira de Léon: «Eu moro no palácio de Kergaz, na rua Culture-Sainte-Catherine; se quiser ir ver-me, procure por Bastien», Joana estremeceu ouvindo falar nesse homem, que sob diferentes disfarces acudia aos que sofriam, e pensou no operário de mãos finas e brancas, dizendo consigo mesma:

— Se fosse ele!

A pobre menina sentia pulsar-lhe o coração sob a influência de uma estranha comoção, quando ouviu tocar a campainha na escada.

— Está tocando à sua porta — disse ela a Bastien.

Bastien levantou-se, pedindo a Joana licença para a visitar algumas vezes, licença que ela lhe concedeu sorrindo, e retirou-se. Realizou-se o que Armando esperava.

(Continua)

BRISAS do GUADIANA

O Náutico do Guadiana, que tanto tem feito pela educação física, continua sem instalações para poder prosseguir a sua meritória tarefa

É SOBEJAMENTE conhecida, no Algarve e em muitos outros pontos do País, a actividade que desde há largos anos o Clube Náutico do Guadiana vem desenvolvendo no campo da ginástica desportiva.

Muitas centenas de rapazes e raparigas têm passado pelas suas classes, nelas melhor se preparando para a vida e colhendo valiosos ensinamentos.

Muitos tornaram-se excelentes atletas e alguns atingiram mesmo a craveira máxima de campeões nacionais de ginástica, nos escalões em que a idade lhes permitia integrar-se.

Magníficos expoentes da obra do Náutico foram os sarauas que durante anos consecutivos se realizaram em Vila Real de Santo António, repetindo-se noutras localidades do Algarve, os quais demonstraram claramente que até numa terra pequena pode nascer uma grande obra, desde que não falte gente habilitada e as condições normais para se poder trabalhar.

Por não dispor de recinto para o efeito, teve o Náutico de acabar com os sarauas anuais de ginástica, que tanta projecção chegaram a alcançar. E a própria normal actividade do clube está ameaçada de não poder prosseguir, já que a ginástica deve ser praticada em ginásios, e o clube, à falta de melhor, tem apenas a sua própria sede, toda com piso de mosaico, onde nos meses mais frios do Inverno está naturalmente impedida a realização de exercícios ginásticos.

Este caso da necessidade da construção de um ginásio- sede em condições para o Náutico do Guadiana, tem sido muito falado nos jornais, dando até origem a que algumas especulações se fizessem em sua volta. A verdade é que o Náutico tem tido um azar tremendo, pois chegou a ver quase garantida a construção, quando à frente do Ministério das Obras Públicas se encontrava o sr. eng. Arantes e Oliveira, para depois tudo ficar praticamente em zero.

Em Setembro de 1965, o Fundo de Fomento dos Desportos atribuiu ao clube o subsídio de 325 contos para a construção de um pavilhão gimnodesportivo, o qual só poderia ser recebido depois da obra concluída e vistoriada pelos serviços ligados ao mesmo Fundo. Porém, em Janeiro de 1968, suspendeu o Fundo de Fomento a concessão do subsídio, até serem removidas as dificuldades que impediam sobre a obra, reservando-se para mais tarde pronunciar-se quanto à concessão.

Se nos dermos conta de que um pavilhão, mesmo modesto, não importará hoje em menos de mil contos, podemos

calcular a situação do clube e o estado de espirito dos seus dirigentes em face de uma realização que tão grata lhes era mas tão difícil se apresenta.

Na relativamente recente inauguração do belo e funcional pavilhão gimnodesportivo da capital algarvia, o sr. dr. Armando Rocha, director geral dos Desportos, entusiasmado com a brilhante actuação da classe de ginástica desportiva do Náutico, felicitou os seus dirigentes, afirmando que podiam contar com toda a sua boa vontade, que não deixassem de insistir pelo pavilhão vila-realense e que o prometido subsídio iria até aos 400 contos, verba que não era possível aumentar. Porém, e apesar da inestimável boa vontade do sr. dr. Armando Rocha, que poderá o Náutico tentar com tão reduzida verba, sempre sujeita à condição da entrega depois de concluída a obra e, para mais ainda não atribuída oficialmente?

Outro problema do Náutico, são os aparelhos cedidos pelo Fundo de Fomento dos Desportos: as paralelas assimétricas, sem bases, sem possível aplicação de estabilizadores e com os bancos partidos logo nas primeiras tentativas de utilização, o que aliás aconteceu também aos pés de apoio; uma trave que rapidamente se deformou; um trampolim «Reuter» que se quebrou um mês depois de utilizado, um cavalo com arcos que não pode ser usado nem para saltos, tiveram de ser postos de parte por inúteis, só se utilizando, por não haver outras, as paralelas, embora com os defeitos que o prof. Trovão, da Direcção Geral de Desportos, teve oportunidade de ver, a quando da actuação dos ginastas em Faro, Salvaram-se, do material cedido, os colchões de borracha, que continuam sendo utilizados.

Bem deseja o Náutico prosseguir na sua meritória tarefa de preparação da juventude, mas como poderá fazê-lo, se em vez de lhe ser facilitado o caminho parecem avolumar-se-lhe as dificuldades? — S. P.

Bloco Pensão Helena

Frente para três ruas. Vende-se, sito na zona central de Olhão. Também troca por apartamentos.

Escreva a F. Paula Brito — R. Alexandre Herculano, 49 — OLHÃO — Telef. 72401.

Sem Dizer AVONDE...

Tinhamos razão, afinal: o turismo deve contribuir para o desenvolvimento cultural das populações de duas maneiras — ou dinamizando o que estas realizam culturalmente ou apresentando às mesmas populações valores desconhecidos, obras que noutros lados já são expressão normal da vida.

Em Olhão, Siroco moveu-se. Apresentou a Olhão não apenas cinco pisos de apartamentos e gente que queria descansar, mas já propôs a toda a vila valiosas exposições de pintura, na sua galeria. Pena é que o seu programa artístico não seja regular, incansável. No Hotel da Balaia, a Galeria Balaia é um primoroso exemplo não só de regularidade, como no modo como contribui para um turismo de desenvolvimento: desde o artesanato, ao arraijal, à pintura abstracta, à tapeçaria intencional, a Galeria Balaia é já um ponto tão obrigatório para o espirito do mar e o espírito do frescor do corpo. Mais: exemplo de relações com a Imprensa, que obrigará esta a ter em relação à actividade artística da Galeria Balaia, uma responsabilidade crítica que excede a tancanhaz que de outros lados querem impor à mesma Imprensa. Aqui defende-se o Algarve, as populações, o espirito, a cultura, o futuro. Falar em Siroco ou em Balaia não tem o sabor da publicidade gratuita que tanta gente anseia. Falar da sua obra, que de certo pesa no orçamento sem que o visitante disso se aperceba, falar em Siroco ou na Balaia é tentar recuperar o gosto artístico, é incentivar a mentalidade de desenvolvimento... — C. A.

O Algarve, ponto de encontro de celebridades

Na residência do diplomata português D. Luís Bramão, em São Romão, arredores de S. Brás de Alportel, passou alguns dias o príncipe Wolfgang Zu Hohenlohe Oerling, familiar do célebre Afonso Hohenlohe que na região espanhola da Costa Brava fez importantíssimos investimentos. É mais uma alta personalidade que visita o Algarve, hoje local de encontro de VIPs nos mais diversos sectores. O príncipe Wolfgang Oerling desce de uma das mais antigas famílias alemãs, viveu dez anos no Brasil e trabalhou como consultor da O. N. U. no programa para o desenvolvimento, percorrendo vários países no desempenho dessas funções.

Teve extraordinária animação o Arraijal Popular promovido pelo Hotel da Balaia

PODE dizer-se que todo o Algarve se fez representar no arraijal popular que no último sábado decorreu no Hotel da Balaia, de Albufeira, pois lá vimos gente de toda a Província, a viver uma noite agradável e planeada, que decorreu da melhor forma e com grande animação.

No belo e amplo recinto que margina as piscinas do Hotel, preparou-se a decoração adequada, com profusão de luzes, não faltando os locais de venda de barros, madeiras e cestos do Algarve, peles do Alentejo e artesanato de outras regiões do País e as rifas, a favor do Centro das Crianças Diminuídas Mentais. Como é da praxe nas nossas festas campasinas, os foguetes e morteiros abriram o arraijal, seguindo-se a entrada da Banda de Silves, que após executar a marcha de abertura, tomou lugar no coreto, preparado e ornamentado a preceito, para dar início ao concerto, com bem executados números de cunho popular.

Veio depois a exibição do apreciado Rancho Folclórico de Faro, que deliciou os assistentes com o rodopio dos seus pares nos corridinhos e outros números do seu vasto repertório.

Porém, e sem desprimor para os dois excelentes agrupamentos algarvios, as honras da noite foram para a Marcha da Bica, vencedora do Concurso de Marchas Populares de 1970, realizado em Lisboa, quer pela harmonia do seu conjunto, quer pelo traje, quer ainda pelos ornamentos e acessórios que completavam e valorizavam a sua

CRÓNICA DE PORTIMÃO

por Candelas Nunes

A la minuta — Olh'ó passarinho!...

(De um fotógrafo ambulante, anónimo e já retirado)

1. RETRATOS à minuta. Retratados que me tiraram, moço e carancudo, adolescente imberbe que até dá raiva. Retratos que, de súbito, saltam de uma gaveta qualquer para me envergonhar ainda hoje, como se o tempo tivesse parado nesse preciso instante em que o mestre fotógrafo anónimo e ambulante, e, se calhar, até já comido dos vermes, soltava o grito criminoso: «Olh'ó passarinho!...»

Vingo-me da humilhação desses retratos de cor sépia, bacca, que de quando em quando encontro sem coragem de os atirar ao lixo. E vingo-me armando-me eu próprio em mestre fotógrafo ambulante de coisas de Portimão, retratando-as ao jeito canhestro, ligeiramente irónico e sempre crítico, que é característico de todos os retratos à la minuta que eu conheço. E de que fui vítima. De que todos fomos vítimas.

Aqui vos deixarei, pois, amigos leitores, uma dúzia desses retratos, se para tanto ajudar o engenho fotográfico. Talvez mesmo sejam treze, como nesse tempo era a conta certa da dúzia de retratos e de carapau pró gato. Atenção portanto a todos Vocelências: «Olh'ó passarinho!»...

2. DIZEM os jornais que, um ano depois da primeira pegada humana na superfície lunar, Neil Armstrong, o seu autor, é um ilustre desconhecido para a maioria dos jovens ingleses e, até mesmo, para os americanos.

Que admira, portanto, que sejam desconhecidos para a maioria dos portimonenses o autor (ou autores) do aborto urbanístico da Praça Teixeira Gomes, a tal sala de visitas e etc. que todos Vocelências sabem, aborto resultante da destruição do coreto, seis ou sete anos depois da sua perpetração!...

Que lhes reste a consolação de que, algum dia, terão a sua figura em tamanho gigante como os astronautas, oferecida aos compradores de qualquer marca de gelados...

O que é bem feito, tanto mais que, depois daquilo e especialmente este ano, o negócio de gelados naquela Praça arrebitou consideravelmente.

Mas — c'os diabos! — 3 barraquitas, ali numa dúzia de metros quadrados, não será exagero!

3. INCOMODAM-SE os praianos por uma dúvida e um receio muitíssimo de ponderar: agora que nunca mais as marés vivas irão lavar a Praia da Rocha junto a falésia, que irá ser da limpeza da praia?

A menos que os banheiros concessionários promovam essa limpeza mais amigável (o que não está nos seus hábitos) ou que a Câmara reforce o contingente de pessoal para o efeito (o que também não é habitual, muito pelo contrário), é caso de recuar-se pela habitação da Rocha a uma nova dimensão que lhe criaram — a de rainha das praias sujas de Portugal e arredores.

Prever o aparecimento dos problemas e resolvê-los antes que façam estrago, é coisa que por aqui não temos visto praticada muitas vezes. Que os factos nos desmintam, a nós e outros mslínguas que por aí há, é o que se pede. Valha-nos Sta. Vassoura...

(Continua)

Um algarvio na Grã-Bretanha

Curiosidades de uma grande urbe (2)

por Lima Pereira



O velho edifício da Bolsa no centro da capital britânica

DIZIAM-NOS tanta coisa de Londres, dos assaltos nocturnos, e até diurnos, no West End e noutras zonas, das beldades perigosas que serviam de «isca» aos assaltantes, etc., que quase pensámos em arranjar companhia para a nossa primeira incursão pela cidade. E dizemos «nossas», porque a Anglo Continental School of English se encarregara, logo no dia seguinte ao da chegada, de facilitar-nos, e a um grupo apreciável de alunos do Philipa Fawcett College, em que nos integrávamos, uma vista de olhos pelo centro e por alguns dos «monstros sagrados» da nomenclatura londrina. Passáramos assim à Praça de Trafalgar, onde a moldura humana constituída por gente «jovem de todas as idades», nos impressionou mais que o fraco enquadramento urbano da imponente estátua de Nelson, vimos Picadilly Circus, onde a afilúncia não era menor, tendo porém, a rodear a minúscula e conhecida Fonte de Eros, um «ambiente» urbano mais atractivo a que não faltavam modernos métodos de publicidade, e «travámos» na Abadia de Westminster, de que falaremos mais adiante, bem como da sua congénere e não menos famosa Catedral de São Paulo.

Porém, a «nossa» primeira digressão, talvez por ser a sós, à descoberta, teve aspectos que mais nos satisfizeram, pois permitiu-nos encontrar-nos, isolado, no meio da terra e da gente local, observar-lhe de perto o modo de ser (na circunstância em que o encontro se processava), chegar-nos mais um pouco ao íntimo de uma grande cidade. Deixámos assim, matinalmente, as aprazíveis instalações do Philipa Fawcett College, em Streattham, nos arredores de Londres, dispostos a saborear a preceito algumas horas em que o nosso grupo não tinha aulas, e fomos desembocar semiperdidos na multidão, numa das dez ou doze linhas da grande e velha Estação Vitória, onde diariamente devem acotovelar-se dezenas e dezenas de milhares de pessoas na sua movimentação de e para o centro de Londres. Encontrada a saída, entretivemo-nos a contornar o imóvel, apreciando o intensíssimo comércio que se desenvolve dentro dele em numerosos estabelecimentos que se lhe ligam, e nas ruas fronteiras e vizinhas, onde se multiplica uma infinidade de lojas, lojucas e restaurantes, grandes e pequenos, estes modestos ou de luxo, apregoando diversas nacionalidades e pratos para os vários paladares e bolsas. Nada de extraordinário, para uma grande cidade, a não ser, por vezes, uma decadente amostra exterior nos edifícios, a destoar do luxo e bom gosto que interiormente se patenteava, e a extraordinária mistura de raças com que por ali amigável se topa, desde os africanos, muitos dos quais envergando os trajes nativos, aos asiáticos, mais vestidos à moda europeia. Muitos africanos e asiáticos da Comunidade Britânica, encontráramos, já, aliás, a prestar serviço na própria Estação Vitória, nos autocarros, e noutras tarefas públicas, dando-nos ideia de uma penetração que põe em contraste a anémica brançura e aparente fragilidade das «ladies» e «gentlemen» ingleses, com a robustez das matronas e dos seus homens de cor, a respirar saúde e abundância e quase sempre acompanhados nos passeios, por numerosos e escorregada prole.

Alguns casos, que se nos afiguraram curiosos, haveríamos de registar, depois, em relação à própria Estação Vitória e às suas imediações. Na estação, era a dificuldade em conseguirmos, à noite, comboio para o regresso a Streattham. Uma parte do pessoal dos transportes estava em greve e isso obrigava-nos a andar de empregado para empregado, a perguntar em que linha ficava o comboio que nos conduziria. Uns indicavam-nos uma, outros outra, e algumas vezes só por acaso e na precisa hora da partida conseguíamos embarcar. Numa das noites, em que a greve parecia de maior volume, avistáramos, segundos antes de sair o comboio, que este só chegaria a uma estação intermédia, sendo o resto do percurso, até ao local do destino, feito de autocarro. Assim aconteceu, e no final da viagem um dos funcionários perguntou a todos os passageiros se haviam tido qualquer contratempo e se o sistema de duplo transporte utilizado lhes ocasionara prejuízos.

Frente à Estação Vitória existe um restaurante com o mesmo no-

me, berrantemente decorado a vermelho e possuindo dois pisos. Num, mais económico, a clientela servia-se a si própria, enquanto no outro, quase ao dobro do preço, o serviço era melhor e assistido por criados. Almoçámos uma vez no primeiro, bastante espaçoso, e concorrido, e logo no início da refeição a nossa atenção foi distraída por algumas pessoas da mais idade, mulheres e homens trajando modestamente, que em mesas próximas se encontravam, uns saboreando uma sopa, outros apenas a conversar. Uma das senhoras olhava-nos com atenção e ao notar que púnhamos de parte, sem o acabar um prato de arroz e carne, acercou-se e perguntou-nos cortésmente se nos importávamos que levasse o prato com o resto da comida. Anuímos, e dentro de momentos outra se acercou, com extensa prédisca em que percebemos ter Deus determinado que todas as pessoas deveriam usufruir de três refeições diárias, o que não era o seu caso, pois havia dias que não saboreava nenhuma. Surgiu porém um empregado, o que não lhe permitiu concluir o discurso, nem conhecer o seu resultado.

Coisas estranhas num país em que não falta assistência, provocadas talvez por pessoas teimosas, que não querem submeter-se às suas normas.

(Continua)

Mais uma Sorte Grande
vendido aos balcões da
CASA DA SORTE
Extrecção de semana finda
1.º PRÉMIO — 25 343 — 4 200 CONTOS
Em menos de dois meses 21 PRÉMIOS GRANDES
no valor de
47 620 CONTOS
foram distribuídos em bilhetes com a Marca da
CASA DA SORTE
A CASA QUE FAZ MULTIMILIONÁRIOS

...E TAMBÉM

RESIDENCIAL M. A. Mendonça

Ponta Delgada (Açores)

FOI PINTADO COM
TINTAS

EXCELSIOR

